

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

N.º 125

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1924

Anno XI

PARTE EDITORIAL

A' MARGEM DA INDUSTRIA MILITAR CURSOS TECHNICOS — QUADRO TECHNICO

A' ninguém é licito actualmente obscurecer os impulsos que tem soffrido, nestes ultimos annos, uma serie não pequena de problemas concernentes á nossa organização militar.

Estão neste caso: o Serviço de Estado Maior, não só do Exercito como os Regionaes, o de Administração, de Saude e Veterinaria e, até certo ponto, o de Aviação, que, antes disso, nem sequer havia sido esboçado.

Outros, não menos importantes e que já existiam, vão sendo melhorados com vagar e firmeza.

Uma questão ha, entretanto, no Exercito que, até hoje, não logrou ser tratada convenientemente, apézar de sua relevancia, da imperiosa influencia que exerce sobre a organização material de nossas forças — o Serviço Technico do Material Bellico.

Convem, todavia, accentuar que o atraso ou, melhor, a morosidade de sua organização não significa absolutamente haja sido elle abandonado, como filho infeliz, victima de tarada e singular antipathia paterna — o que, de resto, não se comprehendia, em face dos cuidados dispensados aos demais, reveladores de um evidente proposito de desenvolver todo o conjunto, não só por ser, notoriamente, um dos de maior importancia, attendendo á função immediata e por excellencia do Exercito. De facto, que seria de um Exercito a que

se houvesse attribuido, de modo geral, todos os seus elementos organicos, relegando, todavia, para plano inferior, justamente os indispensaveis á acção effectiva de seu aparelhamento na guerra?

Não, não é o desconhecimento dessa circumstancia, tão simples e intuitiva que a ninguém escapa, a causa da insufficiencia assignalada.

Deriva, antes, muito provavelmente, das serias difficuldades que o problema reveste, dentre as quaes força é destacar, no ponto de vista da alta administração, o consideravel onus em que importa o menor avanço na vereda de sua solução.

Alem disso, sob o aspecto technico, os obices são mais vultuosos ainda; para avallial-os basta reflectir um pouco acerca da infancia em que se encontram, no Paiz, as industrias metallurgicas e outras, que guardam, com a de que tratámos, estreitas relações.

Como se vê, o gráo de importancia do problema é medido, infelizmente, pelo de sua complexidade, que se desdobra sob os mais variados aspectos.

Ensaieiros, em traços geraes, a maneira que nos parece melhor convir ao ataque da magna questão.

Em virtude das condições geraes do Paiz, não devemos, pelo menos no momento, sonhar com a fabricação do armamento de fogo, mesmo o portatil.

As necessidades do Exercito não justificariam, como é facil comprehender, uma tal tentativa, salvo si tivéssemos em mira a inevitavel e indispensavel alienação do que excedesse, na producção, ás nossas proprias necessidades, aos vizinhos do Continente, por exemplo.

Mesmo assim, isso seria um sonho vão, porquanto, com a maior probabilidade, elles não abandonariam os velhos e experimentados fabricantes d'alem mar para virem dar-nos preferencia, n'uma industria apenas nascente e, portanto, falha das garantias decorrentes de um fabrico consagrado pelo tempo.

Nossas aspirações, no assumpto, em vista do exposto, parece deverem limitar-se ao fabrico da munição para artilharia e infantaria, acarretando o de explosivos de que é parte, bem assim o de viaturas e outros materiaes menos importantes, de tracção, de acampamento e equipamento.

Não nos sendo o melhor caminho o fabrico do referido armamento, devemos, todavia, cuidar de aparelharmos, afim de possibilitar sua reparação, não só na paz como na guerra.

D'ahi a necessidade: em primeiro lugar, de introduzirmos, nas fabricas existentes, os melhoramentos que lhes permitam augmentar a producção que já têm ou estão em condições de realisar e effectuar as reparações do armamento; em segundo, fundar as indispensaveis ao fabrico do que ainda não lográmos, dentro dos limites acima assignalados.

A realisação desse duplo objectivo requer dous elementos fundamentaes:

- 1.º *material proprio;*
- 2.º *pessoal habilitado.*

O primeiro, talvez mais oneroso, não constitue, para nós, um problema propriamente technico; corresponde, antes, a uma questão de ordem financeira, tão certo é que, apenas possámos dispôr de recursos desta natureza, ser-nos-á dado escolher e importar os mais aperfeiçoados machinismos de fabrico europeu ou norte-americano.

O segundo, porém, é muito mais delicado e, por isso, d'elle cuidemos mais especialmente.

Comprehende:

- 1.º *pessoal de direcção technica;*
- 2.º *mestres e contra-mestres;*
- 3.º *operarios.*

Pessoal de direcção technica. A direcção technica de nossas Fabricas, não só do serviço do M. B., tem sido confiada, até hoje, a officiaes de artilharia, officialmente habilitados com os mesmos cursos dos de tropa.

Ora, não é preciso uma agudeza singular de intelligencia para perceber, antes de tudo, o illogismo e, depois, os graves e perigosos inconvenientes, de um tal regimen.

Pretender recrutar technicos na tropa, e outra cousa, em regra, não se ha feito, entre nós, até agora, só tem como equivalente a exigencia inversa, muito mais prejudicial ainda, de forçar, por effeito de uma inqualificavel organização, os poucos officiaes que, á custa de inauditos esforços proprios, conseguem fazer-se mais ou menos technicos, á condição de *trou-pier commun*.

E' preciso, portanto, quanto antes, fugirmos ao imperio contraproducente dessa anomalia desconcertante.

Considerando as condições em que já se encontram, no Exercito, varios serviços, todos sem duvida necessarios, mas, innegavelmente, menos importantes que o do M. B., providos como estão de cursos e quadros regulares; como o de Intendencia e de contadores, de Saúde e Veterinaria e outros, não se comprehende possa ser, por mais tempo, protelada a criação dos technicos correspondentes.

Embora os Regulamentos de ensino militar incluam em seus programmas, alem do curso de artilharia para tropa, o tecnico especial de artilharia e engenharia, não é possivel dispensar os technicos-praticos especiaes, digámos melhor, de engenheiros industriaes, si quizermos possuir technicos fabris nas condições de dirigir efficazmente os varios serviços de nossos fabricas militares.

Não quer isto dizer aquelles são inuteis; ao contrario, resultam indispensaveis á direcção superior do serviço do M. B. do Exercito e das Regiões, nos quaes as applicações são mais geraes e dependem de conhecimentos de caracter mais theorico.

A Directoria do M. B., por exemplo, n'uma divisão essencialmente technica que deve possuir, jamais dispensará sua colaboração, no que concerne, principalmente, ao estudo e projectos de organização do material bellico.

A preparação destes officiaes, entretanto, feita n'um curso tecnico geral e, por isso, com caracter menos pratico, não seria sufficiente, como a pratica tem demonstrado á evidencia, ao desempenho das diversas funcções, eminentemente especializadas de nossas fabricas e arsenaes. Cada grupo em que ellas se dividem requer a consagração integral de toda uma actividade, afim de poderem ellas, em conjunto, produzir cada vez mais e melhor. Póde dizer-se que, actualmente, cada uma das especialidades, chimica industrial, explosivos, metallurgia, armas automaticas, canhões, viaturas e outras constitue um mundo á parte, cujo conhecimento completo esgota uma existencia inteira de esforços ininterruptos.

São estas especialidades justamente o objecto dos cursos praticos de engenheiros industriaes a que nos referimos, os quaes, por sua natureza, podem e devem funcionar annexos ás nossas fabricas e arsenaes.

O exito destes cursos, em grande parte, fica dependendo da consecução de instructores idoneos para os differentes mysteres. Não é coisa facil mas nem por isso impossivel o de tel-os nas condições desejadas, mórmente agora, por isso que a desmobilisação das industrias militares apóz a grande guerra na Europa e nos Estados Unidos, poz em disponibilidade copioso numero de especialistas.

Convem todavia accrescentar, de passagem, que nem todos os technicos indispensaveis precisarão vir do estrangeiro. Somos, ao contrario, de opinião, fundada aliás nos progressos recentemente constatados na industria civil indigena, que algumas de suas especialidades, communs á militar, estão em condições de ministrarmos o ensino pratico correspondente, nos proprios estabelecimentos em que os especialistas respectivos exercem sua actividade ou incorporados, mediante contracto, aos cursos militares que se venha a fundar.

Estão neste caso, por exemplo, a industria electrica, a chimica, a metallurgica e algumas outras.

Com a *prata de casa*, ficará, assim, até certo ponto, diminuido o numero de instructores alienigenas, correspondendo estes ás nossas deficiencias quasi absolutas, concernentes á industria militar.

Aos cursos em questão, que podem ser, talvez, de um anno, só deverão concorrer, mediante adequado concurso, officiaes, até o posto de capitão, habilitados com o curso tecnico de artilharia ou engenharia.

Eis ahi, em traços geraes, a fonte em que, segundo nos parece, podem ser vantajosamente recrutados os elementos constitutivos do quadro tecnico propriamente dito.

Sua organização, como se vê, deve basear-se, de um lado, nas mais sérias exigencias seleccionadoras, afim de lograr o desempenho effectivo de seus complexos encargos (interesses do serviço) e, de outro, em vantagens pessoaes, necessarias e sufficientes para attrahir os melhores elementos, os que estejam nas condições de attribuir-lhe o gráo de eficiencia indispensavel (interesses individuaes).

Na esphera da organização não ha, talvez, coisa mais complexa do que acautelar os interesses individuaes, pertinentes á carreira, n'um quadro relativamente pequeno como não pode deixar de ser o vertente, desde que, como é imprescindivel, se haja de pôl-os em harmonia com os de ordem geral.

Um estudo aprofundado da questão, entretanto, pode conduzir-nos a solução, si não perfeita, pelo menos equitativa.

Considere-se, por exemplo, que, diante da morosidade incontestavel das promoções e que mais de perto deve naturalmente interessar a officiaes que, á actividade combatente, prefiram a relativa á engenharia industrial, será o augmento normal e progressivo de seus vencimentos, n'uma correspondencia mais ou menos parallela ao dos combatentes, que o tem assegurado por via do accesso.

Consequentemente, si o accesso natural do quadro em questão não corresponder, como é de prever, ao dos demais, poder-se-á, periodicamente, consoante um criterio regular, augmentar-lhes os vencimentos. Ness sentido, uma lei bem organizada é possivel consiga até estimular dedicações e promover esforços notorios, pelo intermedio de compensações razoaveis.

Um tal criterio parece-nos o que mais vantajosamente se adapta á natureza organica do quadro.

Basta, para disso nos convenceremos, lembrar que esse quadro não resultará homogêneo como os outros, o de Saúde, de Intendentes de Guerra, de Contadores, Veterinários, etc.

Nestes, os officiaes, apesar da differença de postos, têm e, em regra, merecem função da mesma natureza, podendo, por isso, ser substituídos, uns pelos outros, dentro das restricções hierarchicas, no serviço da tropa.

No quadro de que cuidámos, porem, não acontece o mesmo, por isso que constituirá um aggregado de elementos muito heterogêneos; normalmente, portanto, não se poderão permutar e as promoções hão de ser muito reduzidas, sinão tiverem de ser abolidas, afim de não se desorganisar os serviços, privando-os de especialistas não raro insubstituíveis.

Por essas simples considerações se vê que a hierarchia, base das promoções, tal como a consagrada nos quadros existentes, é incompatível com o melhor e mais productivo funcionamento deste quadro, desde que se funde nos mesmos moldes da daquelles.

Na organização do quadro tecnico de engenheiros industriaes portanto o criterio dominante, segundo nos parece, deve ser, tanto quanto possível, o da *permanencia na função*.

E' esta, de resto, a lição que nos dá a industria civil, que selecciona e especialisa as capacidades, proporcionando-lhes permanencia, progressivamente remunerada, na medida do rendimento util dos esforços de cada uma; e do tempo de serviço que contam (capacidade e antiguidade).

Já é tempo de irmos nos libertando, gradativamente, do illogico e prejudicial preconceito de que todos os serviços que de militares, por natureza, só tem a destinação, devam necessariamente enquadrar-se nos lineamentos rigidos da hierarchia, que, por sua indole, é instrumento, pode dizer-se, privativo do commando da tropa combatente.

Mestres e contra-mestres. Estes elementos dizem respeito ao bom funcionamento de nossos estabelecimentos fabris. O contracto de instructores para os cursos technicos deve contemplar o destes para certas especialidades que, entre nós, vegetam no terreno moroso, difficil e dispendioso das tentativas. Não devemos perder mais tempo em assumptos pacificos e já consagrados na industria de paizes adiantados.

As habilitações dos instructores que importamos, por mais pratica que seja, não dispensará, pelo menos no que se refere á preparação de nossos operarios, a acção directa de bons mestres.

Ahi ficam, em suas linhas fundamentais, as idéas que nos tem suggerido o estudo e a meditação do mais importante problema dentre quantos constituem as exigencias do serviço do M. B. no Exercito, actualmente.

Cuidemos d'elle com intelligencia e com firmeza, certos de que enquanto não passar de problemas, nossas forças não poderão, por melhor que sejam seus quadros, mais perfeita sua instrucção e mais elevada sua força moral, cumprir a missão que por excellencia lhe cabe na guerra.

Emprego de pelotões de fuzis-metralhadores Madsen de cavallaria na guerra russo-japoneza

E' natural que na historia da porfiada guerra do Japão com a Russia, no Extremo-Oriente, não sobejem exemplos do emprego dos pelotões de fuzis-metralhadores Madsen da cavallaria russa. E é natural, por isto: porque só nos derradeiros dias da sanguinosa luta é que se verificou o apparecimento das referidas armas no theatro das operações.

Pelos dois que pude achar, porém, facilmente se comprehenderá o importante papel que haviam ellas de desempenhar se, pouco depois, não se restabelecesse a paz, pelo tratado de Portsmouth. Refere-se o primeiro delles ao emprego do pelotão de fuzis-metralhadores de um regimento de couraceiros do destacamento do general Samsonov, a 8

de julho de 1905, no combate de Nantschend, a Este da grande estrada mandarina de Mukden a Karbin; concerne o segundo, ao emprego do pelotão do 11.º regimento de cosacos de Orenburgo, em agosto desse mesmo anno.

*

Comecemos pelo mais antigo.

No dia 7 de junho, á tarde, o general Samsonov tem informação de que os japonezes começam a desbordar-lhe o flanco esquerdo, e, em consequencia, determina que siga, immediatamente, para o dito flanco, o 5.º regimento de dragões siberianos. O regimento tem por missão deter o adversario, e o repellir.

Recebida a ordem, os dragões abalam; e tanto que encontram o inimigo, atacam-no.

Infelizmente, para os moscovitas, contam os japonezes com cerca de um regimento de infantaria, reforçado por uma bateria de artilharia. De sorte que o regimento não chega a desempenhar-se da missão que tem; ao contrario, é desbaratado.

Sciente, no correr da noite, do revez soffrido pelos seus dragões, destaca Samsonov, para os reforçar, um regimento de couraceiros, com o respectivo pelotão de fuzis-metralhadores.

Devo advertir aqui que cada pelotão de fuzis-metralhadores se compunha de 3 secções de 2 armas, de um official, commandante, e de 30 praças, armadas de fuzil ordinario e espada.

Por volta das 7 horas do dia 8, os couraceiros chegam ao local onde se acha o 5.º. Metade do regimento apeia, e abre fogo contra os japonezes.

Mercê dessa intervenção do regimento de couraceiros, o 5.º de dragões alcança reorganizar-se. Demais, conseguem ambos recuar, sem atropelamento, para uma posição situada a 400 metros.

E' ahi, justamente, nessa posição, que se acham estabelecidos os fuzis-metralhadores, á espera de que o adversario surja, para dar começo á sua obra de aniquilamento. O commandante do pelotão tem dois fuzis em reserva, e os quatro restantes em primeira linha, na seguinte ordem: o de n. 44, no flanco esquerdo; os de ns. 45 e 46, no centro; o de n. 47, no flanco direito. Entre os do centro,

o intervallo é de 100 metros; entre os de ns. 44 e 45, e entre os de ns. 46 e 47, de 400 metros.

A's 8 horas e 30 minutos, visto que os japonezes já se encontram á distancia de 1.000 metros, pouco mais ou menos, os fuzis-metralhadores entram a tamborilar.

Os japonezes não se desorientam. Continuam a progredir com desmarcado arrojo, e assim que chegam a 800 metros, iniciam cerrada fuzilaria contra a posição dos russos.

Ao violento fogo dos japonezes, respondem os moscovitas com igual vigor. Nesse instante, porém, a bateria nipponica desencadeia contra elles uma chuva de projectis, que os obriga a recuar, com sensíveis perdas, para uma nova posição. Na primitiva fica apenas o pelotão de fuzis-metralhadores, muito bem abrigado por detraz de pedras.

Graças ao apoio da sua artilharia, os japonezes progridem de 300 metros. E a pouco trecho, protegidos pelas coxilhas existentes no terreno em que se desenvolve a lucta, realizam nova avançada de 200 metros, ao termo da qual principiam a atirar desesperadamente, para destruir os fuzis-metralhadores.

E' este, entretanto, o derradeiro lance que conseguem dar. Em todas as outras tentativas que fazem para progredir, recebem tão torrencioso fogo dos fuzis-metralhadores, que para logo estacam, e retrogradam, com precipitação, dizimados e desorganizados.

Os ataques nipponicos objectivam particularmente o centro da posição russa, onde se acha installado o fuzil-metralhador de n. 45. Por isso mesmo, é este, de todos, o que mais trabalha. Seguidamente, volta elle a descarregar sobre a brava infantaria japoneza, a sua mortifera granizada de balas.

Durante cerca de tres longas horas, o combate se localiza; depois, entram os japonezes a se retrahir.

Animado por essa manifestação de desconcerto do adversario, toma o commandante do regimento de couraceiros os dois fuzis-metralhadores que estão em reserva, ganha-lhe rapida e audaciosamente o flanco, com o regimento, e faz que o retrocesso se eleve, nesse mesmo dia, a 13 kilometros, approximadamente.

A's 20 horas e 30 minutos, o combate cessa.

Nessas doze horas de lucta, os fuzis-metralhadores executaram: o de n. 44, cerca de 2.600 disparos; o de n. 45, cerca de 27.000; o de n. 46, cerca de 4.700; o de n. 47, cerca de 4.000. Total: 38.300, disparos.

Sem embargo desse trabalho intenso, todas as armas funcionaram irreprehen-sivelmente. Mesmo a de n. 45, que chegou a ter o cano em braza, não escapou á regra: fez os 27.000 disparos com toda a regularidade.

*

Apreciemos, agora, o emprego do pelotão de fuzis-metralhadores do 11.º regimento de cosacos de Orenburgo.

Esse pelotão chegou ao regimento no dia 6 de agosto de 1905, e ahi lhe foram dados, como conductores, 22 cosacos. Commandava-o o capitão Golochtchanov.

A 14 de agosto, o pelotão deixa Tindiagu, incorporado ao 11.º, que marcha como vanguarda do general Grekov, para participar do reconhecimento das posições japonezas, que se vae fazer.

A distancia de Tindiagu a essas posições é de cerca de 8 kilometros e 500 metros. E' um percurso relativamente curto; mas nem sempre a marcha se realiza em perfeita ordem, não só por ter lugar á noite, como tambem porque os cavallos não estão affeitos á condução da carga. Na travessia das pontes e dos vãos, o pelotão se atraza; nas vertentes ingremes, os cargueiros de munição, em cujo lombo vão 140 kilogrammos de peso morto, movimentam-se com difficuldade; finalmente, na transposição dos fossos, os mais fracos caem. Muito peor ainda é a situação, quando o regimento trota.

Máo grado esses contratempos, ás 4 horas, mais ou menos, a sotnia de vanguarda attinge a linha de sentinellas do adversario. Estas atiram, para dar o alarma, e desaparecem.

Immediatamente, o commandante do regimento destaca tres e meia sotnias, para se inteirar da situação dos japonezes; designa meia sotnia para servir de apoio dos fuzis-metralhadores; e põe de reserva a restante sotnia. Ordena, outrossim: primeiro, que o pelotão se poste,

com o respectivo apoio, atraz de um logarejo, sito a 1.600 metros da linha de onde os nippões atiram; segundo, que o seu commandante trate de escolher, o quanto antes, uma posição que lhe permita hostilizar efficaçamente o inimigo, se este tentar progredir contra o provado.

Recebida a ordem, o capitão Golochtchanov dispõe a sua unidade no logar marcado, e sae a procurar uma posição para os fuzis-metralhadores. Afinal, imagina collocar-os, quando preciso, em cima das casas e atraz dos muros de taipa dos quintaes. De seguida, aguarda os acontecimentos.

Passado algum tempo, chega ao commandante do regimento a informação de que os japonezes já se não acham nas posições que se divisam em frente. E, com effeito, não mais se ouve para aquellas bandas o menor ruido.

Em vista disso, o commandante do regimento ordena que o capitão Golochtchanov tome dois fuzis-metralhadores, com um só cargueiro por fuzil, e siga para a direita, até a Tchipopensi, a fim de se juntar á 4.ª sotnia, ou á 2.ª, que está adeante, e cooperar nos ataques de um destacamento de esclarecedores montados de infantaria, que vão ter logar, contra Sitasi e trincheiras que se encontram na mesma linha dessa povoação.

O capitão Golochtchanov parte; e a trote largo, com a secção formada em columna por um, percorre em muito pouco tempo os 800 metros que o separa de Tchipopensi. Ahi, encontra elle a 4.ª sotnia, apeada, e entendendo-se com o commandante desta, delle recebe indicação precisa do logar de onde os nippões atiram.

O terreno que separa os adversarios estende-se por cerca de 1.600 metros. E' um valle, coberto de gaolian, onde corre um arroio de margens escarpadas, cuja passagem á direita está occupada pela 2.ª sotnia. Na vertente opposta do valle, ha uma linha de trincheiras japonezas, de onde parte violenta fuzilaria, e de onde saem, de tempos a tempos, atiradores isolados. Não se lhes podem perceber os parapeitos; mas, avista-se uma mascara de ramagens com as folhas já de todo amarelladas, que lhes define distinctamente a direcção e as inflexões.

Assim que se sente orientado ácerca da situação, o capitão Golochtchanov

trata de instalar a sua secção de fuzis-metralhadores em um dos angulos do povoado, de onde pode flanquear tanto as trincheiras, como a povoação de Sitasi. Um dos fuzis-metralhadores é estabelecido sobre o telhado de um portão com 6 metros e 40 centímetros de altura; e o outro, a 8 passos de intervallo, no canto e em cima de largo muro de terra batida. Para servir de estrado ao atirador deste fuzil, é collocada, perto do muro, uma viatura.

Terminada a localização das armas, localização que é feita no curto espaço de tres minutos, o capitão Golochtchanov manda disparar dois carregadores «contra os ramos amarelllos», com a alça de 1.600 passos, e fica a observar os resultados. A conclusão que tira dessa observação, é que se faz preciso alongar o tiro. Em consequencia, ordena: «1.700 passos; fogo!».

Com o emprego da nova alça, a fuzilaria japoneza começa a se tornar mais branda. Apesar disso, o capitão Golochtchanov tem por mais seguro continuar o tiro com alças escalonadas de 100 metros; e assim, commanda: «1.^a peça, 1.600; 2.^a peça, 1.700; fogo!».

Entrementes, descobrem os nippões, pelo brilho dos carregadores, o local exacto em que se acham estabelecidos os fuzis-metralhadores, e entram a atirar contra estes tão furiosamente, que quasi já se não pode estar em suas circumvizinhanças.

Não se perturba, entretanto, o capitão Golochtchanov, com a terrivel fuzilaria do adversario. Sem perda de tempo, manda que se cubram os fuzis-metralhadores, com ramagens verdes, para impedir que continuem a revelar a posição que occupam, pela resplandecencia dos carregadores, e feito isso, determina que se leve por diante o tiro.

Ao fim de cinco a oito minutos, a fuzilaria das trincheiras cessa. Só de Sitasi é que ainda partem disparos contra os esclarecedores montados de infantaria.

Valendo-se da cessação do fogo inimigo, os fuzileiros-metralhadores banham as repectivas armas com agua apanhada em um poço existente na proximidade.

Logo que os esclarecedores de infantaria chegam mais perto de Sitasi, o

capitão Golochtchanov manda pedir ao commandante do regimento dois outros fuzis-metralhadores.

Em vindo estes — e elles chegam exactamente á hora em que a fuzilaria de Sitasi começa a verificar-se — trata o capitão Golochtchanov de os dispôr junto aos que já se achavam em Tchipopensi, intervallados apenas de quatro passos, por não contarem os japonezes com artilharia; e concluida a installação, commanda: «A' direita, sobre a orla do povoado; alças escalonadas, a partir da direita, por fuzil-metralhador; 1.500, escalonar de 100; carregadores, cinco; fogo!».

Com a intervenção dos fuzis-metralhadores, a fuzilaria japoneza diminue um pouco de intensidade. Ainda assim, o capitão Golochtchanov só manda cessar o fogo quando os esclarecedores estão a 300 passos, mais ou menos, de Sitasi.

Essa interrupção do fogo é aproveitada pelos fuzileiros-metralhadores, para limpar e lubrificar as armas.

Mal os esclarecedores entram em Sitasi, rompem os japonezes das trincheiras viva fuzilaria contra o povoado. Em razão disso, o capitão Golochtchanov ordena: «Sobre as trincheiras, por secção; 1.^a secção, 1.600; 2.^a secção, 1.700; fogo!».

Em acto continuo, os japonezes cessam de atirar, e começam a abandonar as trincheiras, por grupos de dez a quinze homens, a fim de ganhar um barranco que lhes fica á retaguarda. Aqui, o capitão Golochtchanov ordena: «1.^a secção, contra os homens que correm!».

Ao cabo dos dois ou tres primeiros carregadores, os grupos deitam-se, e desaparecem em um milharal de 60 a 70 centímetros de altura. Os fuzis-metralhadores, porém, só deixam de atirar, quando os esclarecedores se apoderam das trincheiras nipponicas.

A's 13 horas, o combate finda.

Durante esses rudes, ataques executados contra Sitasi e trincheiras adjacentes, pelo destacamento de esclarecedores montados de infantaria, as duas secções de fuzis-metralhadores consumiram tão só 5.800 cartuchos, e, além disso, quasi não soffreram perdas. A unica que tiveram consistiu em um arção de sella, que foi quebrado por uma bala do adversario.

Se quizermos dar credito ao que diz o capitão Golochtchanov no relatorio que

publicou no *Viestnik ojitzerskoi strielkovoi chkoli* (*Monitor da escola de tiro dos officiaes*), quando os esclarecedores penetraram nas trincheiras nipponicas, encontravam-nas repletas de mortos e feridos.

Diz elle tambem, nesse relatorio, que não foram empregados do lado russo senão cem fuzis ordinarios e quatro fuzis-metralhadores, contra cerca de tres companhias de infantaria e dois esquadrões de cavallaria dos japonezes.

*

Ahi estão os exemplos que pude achar a respeito do emprego dos pelotões de fuzis-metralhadores Madsen da cavallaria russa nos campos de batalha mandchurianos. Que elles despertem nos bravos camaradas da cavallaria brasileira o desejo ardente de dar melhores e mais numerosos, quando formos compellidos a desembainhar a espada, para repellir affrontas, são estes os votos que sinceramente faço.

João Pereira de Oliveira.
1º Tenente.

PELO R. CONT.

O R. Cont. é um regulamento que merece ser mais carinhosamente lido e estudado e mais cuidadosamente cumprido.

E' necessario que os nossos soldados conheçam as suas prescripções e aprendam — que já é tempo — a fazer correctamente a continencia. Não é possivel que se tolere por mais tempo o verdadeiro descaso em que é tida a «saudação militar». Os nossos homens — instruidos por nós — não podem continuar na completa ignorancia dos signaes de respeito impostos pelas exigencias regulamentares. E' lastimavel e triste que assim continuemos; os laços disciplinares se relaxam; os bons habitos militares se degradam.

E' imprescindivel que, mediante uma instrucção meticulosa, — carinhosamente ministrada —, se dê aos homens uma noção precisa do alto valor militar da continencia. O R. o define em termos eloquentes:

«Continencia é a saudação militar».

«Ella é o signal de respeito dado pelo militar individualmente a seus camaradas, — superiores, iguaes ou subordinados —, ás autoridades, á Bandeira ou ao Hymno Nacional, á tropa, na conformidade deste regulamento, ou dado collectivamente pela tropa nas mesmas condições».

E, mais adiante, salientando o caracter impessoal da continencia:

«A continencia de um militar a outro é essencialmente impessoal, e por isso é uma absoluta *obrigação mutua*, a cumprir em qualquer situação».

Cumpre-nos pôr em fóco um facto interessante.

O nosso recruta, ao penetrar na caserna, encontra o pessimo exemplo dos seus camaradas. Tende fatalmente a imital-os; deixa-se contaminar pelo mal.

E', consequentemente, *dever sagrado* dos instructores procurarem sanar o mal gravissimo por todos os meios ao seu alcance. Concorrerão, assim, para a elevação do nivel disciplinar do corpo.

Phenomeno inverso observariamos se os recrutas encontrassem, no regimento, o exemplo digno dos seus companheiros. Adaptar-se-iam necessariamente ao meio e experimentariam o influxo benefico do novo convivio.

Nesse caso, seria facillima a tarefa do instructor; o exemplo constituiria o melhor methodo de instrucção.

Infelizmente, tão agradável e commoda situação não existe, e o problema se nos apresenta sob a fórmula seguinte: evitar que a doença, de aguda, se torne *chronica*.

Evitemos, nós, os moços, de cabeça levantada, uma tal catastrophe. E' o nosso dever — dever sagrado — ao qual devemos dedicar o melhor dos nossos esforços.

O art. 11 do R. Cont. é, em regra, desconhecido pelos nossos soldados, que ignoram as *condições essenciaes da continencia individual* — a distancia, a duração e o encarar. Para elles, a continencia não passa de um «gesto de mão feito de qualquer modo, sem encarar o superior, e á ultima hora». (1).

(1) B. Klinger — O que traz de novo o R. Cont. (N. 2).

No que respeita á continencia no interior do quartel (art. 20 do R. Cont.), póde-se affirmar, sem medo de errar, que os preceitos regulamentares são completamente esquecidos.

As disposições do citado artigo são por demais judiciosas, conforme o exprime perfeitamente B. Klinger, ainda nos referidos commentarios:

«Nem é preciso estarem a toda hora a fazer continencia, nem é admissivel tambem a indiferença completa».

Mas, triste quadro, o que se observa é justamente essa *indiferença completa*, — fructo exclusivo da mais completa ignorancia —, oriunda, por sua vez, da falta de uma instrucção cuidadosa e de um salutar exemplo.

«Cumpre reflectir que maior é a falta do militar que não responde ás continencias ou não as exige, que a do subordinado que deixa de fazel-a, talvez olhando para outro lado no momento opportuno». (1).

Dentro do quartel, o que se verifica é a abolição por parte das praças — sargentos inclusive — de todos os signaes de respeito regulamentares.

Torna-se mistér que o art. 20 do R. em questão seja bem comprehendido, melhor estudado e melhor ainda executado.

Eil-o:

«No interior do quartel ou no bivaque ou acantonamento o soldado faz a continencia ao superior na primeira vez que

(1) B. Klinger — Idem.

o encontrar; nas outras vezes, no mesmo dia, só não faz o gesto da mão».

Semelhantes disposições não são cumpridas, nem quanto á primeira parte, nem muito menos quanto á segunda.

Temos grande satisfação em registrar a magnifica impressão causada pela irreprehenivel conducta, — pelo procedimento impecavel dos soldados chilenos, quando hospedes, em 1922, no 1.º R. C. D.

Não passavam pelos officiaes de mãos abanando e olhar indifferente: *quadravam-se* e os encaravam franca e resolutamente.

Porque os nossos soldados não fazem o mesmo? Porque o recruta — ao chegar á caserna — não encontra um tão bello exemplo dos seus camaradas mais antigos?

Cuidemos, pois, do ensino da continencia individual, como um meio valioso — preciosissimo — de dar aos nossos soldados uma noção concreta da disciplina e da camaradagem que devem reinar entre militares.

A continencia é uma manifestação de confiança, lealdade e respeito mutuos, e deve tornar-se um habito — habito inveterado — e constituir a verdadeira base da educação disciplinar do soldado.

Trabalhemos no sentido de que o R. Cont. deixe de ser um mytho — um triste farrapo de papel — e se torne uma realidade.

Arthur Carnaúba,
1.º Ten.

Rio, 8—1—24.

DELENDÁ CARTHAGO!!

Poderia talvez parecer que a *generosa promessa de uma punhalada* ou o esgotamento do assumpto me houvessem entibiado o animo ou enferrujado a penna, no combate aos *effectivistas*; aos arranjadores de *boas coisas* aos apostolos da preguiça, aos intangiveis gozadores dos vencimentos, aos prepotentes de varios postos, cujas funcções as mais das vezes ignoram.

Nada disto;... não podem causar sustos — *Camórras* constituídas de individuos que nem siquer têm coragem para estudar um pouco, afim de se arrancarem á si-

tução ridicula em que jazem perante os seus subordinados, que riem amiúdo da ignorancia que elles revelam a todo instante, a toda hora; — nem tão pouco se esgotou o assumpto — fonte inhexaurivel, estonteante pela multiplicidade de aspectos que apresenta no facetado polyforme do *effectivismo*.

Sómente um motivo fez com que parasse eu, um pouco — a proximidade dos exames na E. A. O., e a consequente falta de tempo disponivel.

Agora porem que estou livre, com o curso terminado, volto á carga, satisfazendo assim á vontade de alguns distinctos amigos, que me encorajam com seus applausos e me pediram que continuasse; dizendo constantemente «Você parece que escreveo... para tal corpo».

O interessante é que *este corpo*, ora é R. A. M., R. I., R. C., ora é B: C., G. A. C. C., G. A. C.

Quer me parecer que attingi, como era meu intuito, uma das faces mais amplas deste conjuncto de males geraes.

Como me vieram applausos, tambem reventaram, tambem espoucaram manifestações de odio, de raiva, pelas verdades que a minha sinceridade, ás vezes um pouco rude, porem nunca desmentida, trouxe para as columnas d'«A. Defesa».

Si me confortaram aquelles, por sentir cohesos em torno de um mesmo ideal de alevantamento do Exercito, um bom numero de formosas intelligencias e de caracteres robustos, ainda mais me alegraram estas, embora viessem de envolta com uma saraivada de doestos e insultos *anonymos*.

A vergastada foi *impessoal*, e por isto mesmo geral.

Sentir-lhe os effeitos, revoltar-se contra ella, já é um bom signal, é porque o *effectivista* constatou em si mesmo a veracidade dos conceitos expendidos.

A natureza humana é sempre propensa a profligar o mal, onde quer que o encontre; e, si alguém faz despertar, em um individuo, a convicção de um erro que elle pratica, vae-se simultaneamente fazer nascer, nesta mesma pessoa, uma idéa de castigo.

Castigar-se a si mesmo, é acto que só praticam as creaturas de *élite*, as que têm consciencia, as que são susceptiveis de remorso, de regeneração. As outras torcem a tendencia, mudam-lhe a direcção, encaminhando o castigo para aquelles que fazem, ás vezes involuntariamente, resaltar seus erros. ⁽¹⁾

Ora, o *effectivista* não tem consciencia, nem amor proprio, nem civismo; mas tem vaidade, petulancia e sobretudo o instincto de defesa ⁽²⁾; dahi as explosões que se

viraram contra mim, as quaes são simultaneamente movimentos de contra-ataque partidos da *posição* commoda do *dolce far niente*.

A constatação de que se errou já é alguma coisa, servirá pelo menos para patentear aos circumstantes que o *effectivista*, pela raiva, reconhece e confessou a inferioridade de sua pessoa; nos que não estão absolutamente corrompidos, este grito de odio pôde tambem despertar a Consciencia adormecida e lançal-a, si a pobresita tiver coragem, contra a preguiça, tomando a esta senhora alguma porçõesinha de seus vastos imperios.

Terminado este exordio, vamos montar o ataque — portanto, — Concentrações sobre objectivos successivos, seguidas de fogos de varrer.

1.º Objectivo — Ensino da tactica.

Deve, segundo a doutrina do R. I. Q. T., ser praticado no ambito das grandes unidades, por meio de themas.

Por excepção, praticam-n'o alguns raros chefes, reservando-se outros á missão de encaminhar requerimentos, dirigir officios, e sobretudo, — passar sargentos de tropa para empregados nos Q. G. etc...

Remedio ⁽³⁾ — Seria mais agradável que um official superior, dos que mais distinctamente passaram pela E. E. M., fosse attribuido á cada brigada, com o fim de *fazer* ou auxiliar o general na instrucção tactica da grande unidade.

Mas, como taes officiaes, apezar de seu grande merito seriam esmagados pelos *effectivistas* dos corpos, contra elle combinados numa interdicção (feita sobre o cmt. de Bda), só vejo um meio — ampliar a M. M. F., pedindo officiaes superiores de reconhecida competencia, operosidade e energia e attribuindo um a cada brigada; descentralisar do commando esta instrucção e enfeixal-a toda nas mãos de um general francez.

E' claro que então será forçoso compellir os officiaes brasileiros, a acceitar este trabalho tão contrario aos habitos burocraticos dos corpos.

2.º Objectivo — Instrucção de Guarnição — Repouza no conhecimento das propriedades peculiares das armas componentes da guarnição e das outras que se

⁽¹⁾ O caso tão vulgar de ser odiado um individuo que trabalha em uma unidade de preguiçosos e ignorantes.

⁽²⁾ que é muito acurado nos individuos que vivem em alguma ignominia.

⁽³⁾ provisório — até melhores dias.

representará — consequentemente — *Tactica Geral* —, o que importa em dizer que tal coisa vae «ficando no tinteiro» porque entre nós os officiaes que devem dirigir-a, ⁽⁴⁾ mesmo os mais adiantados, têm certa timidez quando se trata de lidar com arma differente da sua.

Remedio — Um curso de *tactica geral* de 1 anno, funcionando annexo á E. E. M. Matricula obrigatoria, *por escala*, um certo numero por arma, ⁽⁵⁾ a começar pelos coroneis em ordem decrescente de antiguidade.

Resultado — *Cura, melhora ou morte.*

Cura — Os bons elementos, os ha felizmente, deixariam o acanhamento que têm; sentir-se-iam cheios de forças com os novos conhecimentos e enveredariam resolutamente para a frente.

Melhora. — Os que sabem pouco, mas que são capazes de adquirir conhecimentos, deixariam de ter a preocupação de esconder a ignorancia por uma *camouflagem de «necessidades inadiaveis de serviços administrativos»*, e então, até mesmo por vaidade trabalhariam e deixariam trabalhar aquelles, para os quaes são hoje estorvo.

Morte. — Reveláda publicamente a incapacidade fechada, obturada de alguns, restar-lhes-ia o recurso honesto da reforma voluntaria, ⁽⁶⁾ ou ao governo o de afastal-os para regiões diametralmente oppostas a aquellas em que taes senhores tem suas creações de gallinhas ou de roseiras ⁽⁷⁾.

Vem muito ao proposito, contar sem commentarios, trez factos occorridos em presenca de varios officiaes.

a) Em Saycan, durante as manobras, certo capitão, rapaz talentoso, e então já *aperfeiçoado*, fallava sobre o *emprego da artilharia*; ouviamol-o todos com interesse.

Alguem cuja vaidade corre parellhas com a..., como direi, *competencia* sahio-se com esta:

(4) Commandantes de guarnição.

(5) officiaes que não tenham com a M. M. F. um dos seguintes cursos: est. maior, revisão ou aperfeiçoamento.

(6) porque a nossa legislação, no afan de proteger aos que nada valem, cerca-os de garantias que lhes permittem ficar perpetuamente perturbando a boa marcha do serviço.

(7) o que leval-os-ia a preferirem o doce aconchego do lar ao direito que gozam (às vezes com prejuizos pecuniarios) de fazer figura de polichinelo.

«*Que apoio directo! que nada! tudo isto é besteira!... é besteira, é invenção desses francezes; tu sabe Creança — artilharia, só ha uma, é artilharia montada; isto de artilharia a cavallo, é besteira! artilharia de montanha, é besteira!... tudo isto é invenção de francez*».

Expressão physionomica dos ouvintes — ????!!??...

E como o capitão tivesse querido discutir taes idéas, foi brindado com o odio do luminar, que passou a chamal-o de «sabiãozinho...» ⁽⁸⁾.

b) Acabavamos de receber os projectores opticos; fallava-se a respeito de meios de transmissão quando o homem pontificou:

«*Isto de telephone, isto de optica... é besteira; tu sabe creança!... nada disto tem importancia, tu sabe, tudo isto é invenção de francez pra ganhar dinheiro*».

«*E' besteira!!... Annibal nunca teve telephone e quasi foi a Roma, Julio Cesar não teve optica e conquistou as Gallias... Napoleão não teve nada destas besteiras e venceu a Europa!!...*»

Não houve desmaios, porque a agua que bebiamos era *javelisada*.

c) Um commandante de grupo, dizia certa occasião a seus officiaes «amanhã para o exercicio de quadros, os srs... etc.»

Um tenente, muito jovem e brincalhão, querendo experimentar o fiscal, interpellou-o «*Seu major, o sr. já mandou fazer os quadros para o exercicio?*»

O major fica surpreso, julga-se em falta ⁽⁹⁾ e diz apressadamente; «*Não..., me esqueci... eu não sei bem as dimensões... vocês que se lembram, vão lá...*»

Parou, tomou folego, pensou um pouquinho se devia mandar fazel-os de tela, couro, madeira ou ferro e, depois, num rasgo de coragem, terminou: «*... vão lá na carpintaria e mandem fazer...*»

Inutil será dizer que explodio, intensa e continuada, uma gargalhada dos tenentes, forçando até o proprio commandante de grupo a quebrar um pouco a gravidade necessaria.

(8) O resto não se diz porque é indecoroso; cumpre notar que este epitheto era pronunciado amiúde, na frente de todos; excepto, já se vê, na do interessado.

(9) o que era diário, e de que resultava sempre uma interpellação de um saudoso commandante de poucos dias (férias).

Juntemos estas duas magnificas personalidades e meditemos um pouco sobre o n.º 11 do R. I. Q. T.

«O cmt. do corpo, auxiliado pelo fiscal, dirige o conjuncto da instrucção dos officiaes e por ella é responsavel».

3. Objectivo — Instrucção de Capitães e Tenentes. — Felizmente já é bem avultado o numero de capitães e principalmente de tenentes capazes e bem orientados; outros tantos dão contas de si, e sómente uma minoria é constituida de elementos verdadeiramente inconcertaveis, geralmente por excesso de *parasitismo* e não por falta absoluta de qualidades acquisitivas de saber.

O remedio ahi está ás mãos de todos — a E. A. O.

E' doutrina corrente ha alguns tempos — de se não vir para a escola porque A que sempre reputámos superior a B e a C, tirou entretanto, menor gráo que estes.

O motivo preponderante de um official cursar a E. A. O, deve ser — aprender; a collocação na turma, si bem que deva lisongear o amor proprio de cada um, não póde entretanto ser o escopo a attingir.

E' verdade que alguns são prejudicados pela *ancia do gráo*, com que certos camaradas mais sequiosos de lantejoulas procuram chegar a sonhados triumphos, através ás vezes, de processos menos compatíveis com a dignidade dos galões e a altivez de homens livres.

Justiça absoluta e perfeita só Deus póde praticar; de modo que, algum professor, pela fallibilidade dos processos humanos, deixar-se-á arrastar a grãos que não exprimam em absoluto o que elles realmente deveriam traduzir.

Mas, a mim me parece, que é uma fraqueza se deixar alguém suggestionar pela dor do *não parecer* ⁽¹⁰⁾, e dest'arte regeitar, desde logo, em principio o *ser*; que indubitavelmente se adquire na escola.

Surgem-me ao espirito os sapientissimos conselhos, dispensados, ao inicio do anno, pela figura altamente sympathica do paternal e bondoso coronel Barat, a cujas luzes devemos os nossos primeiros e solidos ensinamentos de *Tactica Geral*. Dizia elle que nos era precisa trabalhar e estudar, sem preocupação de gráo, de collocação.

⁽¹⁰⁾ preparado

Correi pois á E. A. O., levando como intuito principal aprender, — e alli se aprende; aprende-se principalmente *Tactica*, que é o que mais nos falta; e que ireis haurir nas aulas magistraes do coronel Corbet.

Quanto á arma — não tereis as bellissimas exposições do brilhante major Brezard, nem a operosidade intelligente e amistosa do talentoso cap. Courant, ambos esforçados e dedicados, sem mesquinhas preocupações de um horario apressado consoante a passagem dos trens; porem, para infelicidade nossa, ambos recolhidos estão já ao exercito glorioso de sua Patria.

Ainda assim, apesar de sua immensa falta, tereis, os menos habeis, alguma coisa por aprender.

A concurrencia á escola foi este anno inferior ao numero fixado pelo E. M. E., e camaradas houve, que effectuaram matricula apenas pelo pretexto de virem ao Rio, o que não me parece muito consoante com o amor ao prestigio do posto e do proprio nome.

A doutrina da matricula na E. A. O presuppõe a entrada de *Capitães modernos* e *tenentes antigos*.

Em 1923 cursaram tenentes que só tinham dous annos de official e que levarão mais 6 ou 7 para serem capitães, enquanto que outros mais antigos foram cortados.

Na minha fraca opinião creio que a matricula na E. A. O devia ser obrigatoria e começar, por escala, pelos capitães mais antigos, os quaes por mais mediocres que fossem, e alguns não o são nem pouco viriam, ao voltar para os corpos, trazer o contingente de sua *antiguidade illustrada*, em vez de continuarem a ser ⁽¹¹⁾ pesados trambolhos e impecilhos irremoviveis aos que sabem e que trabalham.

Cumpra tambem vêr que estes capitães em breve serão officiaes superiores, e que é doloroso permittir que se continuem a fazer *manequins*, que os tenentes ajudantes manobram mais ou menos jocosamente, conforme o geito do *engonço* e a capacidade do emprezario.

Quanto aos capitães modernos e tenentes antigos *adeantados*, que têm a nobre ancia de aperfeiçoarem seus conhecimentos,

⁽¹¹⁾ nas interinidades de commando de grupo — salvo honrozias excepções.

poder-se-ia aquinhoal-os com metade das vagas. Seria preciso então, fazer uma selecção rigorosa porque já houve commandantes que, para se verem livres de certos mãos officiaes, deram-lhes gráo 10 de aptidão ⁽¹²⁾.

Não ha vantagem em permittir ao tenente moderno o ingresso na escola; aperfeiçoado elle, irá soffrer no corpo toda a sorte de guerra dos «effectivistas» de mais autoridade e si não for *de fibra* — desanimará.

Aliás a capacidade destes jovens, é geralmente bem vasta, sendo-lhes facil progredir com os *aperfeiçoados* que voltam ao corpo; isto tem o inconveniente de tirar um logar a outrem que, pela maior antiguidade e menor somma de conhecimentos, precisa mais d'elle.

Parece-me que se dirá logo que o governo não pôde forçar ninguem a tirar um curso; mas, si infelizmente não o pôde fazer por meios directos, poderá entretanto fazel-o por outros a seu alcance.

Exemplifiquemos:

O cap. A... é intelligente, sadio, apto a aprender muita cousa; dentro de 2 ou 3 annos será major, mesmo por antiguidade; mas este Cap. não estuda, vive ha 10 ou 15 annos em uma cidadezinha do

⁽¹²⁾ já se vê que não poderá desistir daquillo que não pedio.

⁽¹³⁾ (aquelles cuja timidez me ref.^o).

⁽¹⁴⁾ e outro que deu gráo 5 a optimo official afim de não perdê-lo de seu corpo.

Rio Grande do Sul, onde possui uma casinha, 53 gallinhas Orpington, 38 patos Legorn, etc... e onde estraga uma unidade.

Ordem para matricular-o; elle dá parte de doente; — faz-se com que baixe ao hospital e immediatamente se o transfere para Campo Grande ou Obidos, de onde não se o tirará nem que saham *pistolões* do céu.

Resultado — O official, se não quizer reunir-se ao seu novo corpo, passará todo o anno perdendo a gratificação, e pressurosamente virá matricular-se no anno seguinte, quando novamente escalado.

O Cap. B... serve em Pernambuco ou na Bahia onde tem um engenho etc... vem para a escola, dá um passeio ao Rio... vae ao Pão de Assucar, faz fardamentos, assiste duas representações no Trianon e... pede trancamento de matricula.

Que fazer?...

Por algum idoneo, verificar si ha para isto um motivo qualquer serio, respeitavel, ou simples vagabundagem ou ignorancia emperrada; nestas duas ultimas acceções — carga das passagens e ajuda de custo, perda de tempo de praça (frequencia de escola sem aproveitamento) e transferencia para o Rio Grande do Sul.

Resultado — O mesmo do cap. A... Attingimos o 3.^o objectivo, estamos fatigados, vamos nos recompor e pensar em montar brevemente novo ataque sobre «Especialidades e especialistas».

Cap. Luiz Correia Lima

Nota sobre a regulação por observação unilateral

Continuação da traducção do trabalho do *Chef d'escadron E. Benoit*, publicado na «Revue d'Artillerie», de Julho de 1923.

Cap. F. J. Pinto.

II Execução do tiro

Tiro de regulação. Para a observação unilateral prescreve a Instrucção de tiro de 1922 a regulação de peça por peça. Parece esse modo de proceder contrario ao espirito de conjuncto desse novo regulamento, que tende a voltar a concepção anterior á guerra

do tiro do 75, isto é, de considerar a bateria como um instrumento unico. Além disso, é lento esse modo de regulação e em nada augmenta a precisão de tiro. Exige, com effeito, uma boa meia-hora, em media, podendo succeder que, ao se conseguir a regulação da 4.^a peça, estejam mais ou menos modificadas as condições atmosphericas, o que tornará illusoria a regulação das primeiras peças. Esse modo de atirar generalisou-se durante a guerra, principalmente na artilharia pesada; em parte, é preciso confessal-o, porque exigia o menor

esforço do capitão — era o tiro descausado em toda a sua belleza, — mas também devido ao desacordo frequente entre as peças da bateria. Não era difficil encontrar, após um ou dois annos de guerra, bateria possuindo peças novas ao lado de outras que já haviam attingido ao limite de desgaste. Dahi o costume, infelizmente consagrado pelo regulamento, de proceder em qualquer tiro de precisão, á regulação individual por peça ⁽⁵⁾.

Para constituir a bateria um organismo homogéneo, um instrumento unico, é preciso que preencha as duas condições seguintes:

1.º Que possa formar correctamente o feixe, isto é, que os desvios individuaes em direcção das peças entre si não excedam a 4 ou 5 millesimos. E' a condição primordial, aliás sempre realisavel.

2.º Que as peças estejam mais ou menos regimadas.

Não é muito imperativa esta condição para a regulação com observatorio unilaterial, a qual fornecendo o valor exacto dos desvios em alcance, constitue um verdadeiro tiro de regimen.

Preenchidas estas condições, toda regulação milateral consistirá em levar primeiro o *ponto medio de uma salva de bateria* para o objectivo. Isto permittirá a passar immediatamente ao tiro de efficacia, se a natureza do objectivo e as condições do combate o exigirem, ou a proceder a um tiro de melhora.

E' o seguinte o processo:

Forma-se o feixe em *convergencia* para um ponto bem nitido do objectivo, em relação ao qual avaliam-se todos os desvios em direcção e alcance.

O tiro se effectua por *salvas de bateria*. Quando a natureza do objectivo exigir immediatamente o tiro de efficacia, não se

faz o tiro de melhora e a approximação do ponto medio é feita por salvas de cadencia rapida ou mesmo por grupos, sendo apreciados á vista os desvios angulares, na luneta, do ponto medio do grupamento. Se, ao contrario, fôr preciso executar um tiro de precisão, adopta-se cadencia bastante lenta (cinco segundos pelo menos), para poder distinguir os tiros das differentes peças e effectuar as modificações individuaes necessarias ⁽⁶⁾.

Regulação de precisão

Examinemos o caso da regulação completa de precisão, della se deduzindo em seguida sem difficuldade a regulação expedita.

Dá-se a primeira salva com os elementos preparados e toma-se nota successivamente dos desvios reguladores dos tiros em relação á linha de observação.

Sejam, por exemplo:

| | |
|----------|----------------------|
| 1.º tiro | ... D. 20 millesimos |
| 2.º " | ... D. 12 — |
| 3.º " | ... D. 15 — |
| 4.º " | ... D. 8 — |

Se algum desses desvios se differenciasse flagrantemente do conjuncto dos tres outros, não se o levaria em consideração e se vigiaria com attenção a peça que o occasionou. Toma-se a media dos desvios exactamente ou, quando se estiver muito apressado, approximadamente, de memoria. Tem-se assim:

$$\alpha = \frac{20+12+15+8}{4} = 14 \text{ mill. á direita.}$$

Se for o caso da fig. a, onde, por exemplo, $h_1 = 8,3$ m., tem-se, immediatamente a correcção:

$$h_1 \times \alpha = 8,3 \times 14 = 116 \text{ m.}$$

ou, arredondando, 120 m.

(5) A maior facilidade da regulação de peça por peça acarreta também a tendencia ao abuso, resultando disso a propensão, como temos observado em alguns corpos, de, até no periodo de bateria, se organizarem themas de tiro de modo a forçar a regulação de peça por peça. Parece-nos conduzir essa pratica a um grave erro, fazendo com que o commandante da bateria abdique o exercicio do seu instrumento de fogo, com gasto de projectis sem utilidade á sua instrução, perdendo oportunidades para se exercitar no manejo do conjuncto dos planos de tiro das suas peças. N. do T.

(6) E' preciso notar que a moderação da cadencia das salvas não será uma cousa importante de retardo. Com effeito, entre a salva de 5 segundos, em que se podem differenciar os tiros, e a salva rapida de 1 a 2 segundos, apenas ha a perda de tempo insignificante de cerca de 10 segundos, perda que será compensada pela segurança maior da observação, o que permittirá talvez ganhar 1 ou 2 salvas na regulação. Por isso, só em caso de extrema urgencia se deve empregar a salva rapida ou o grupo, procurando-se manter em geral a cadencia normal de 5 a 7 segundos. — N. do A.

O sentido da correcção depende da posição do observatorio em relação á linha de tiro, sendo positiva no caso das fig. *a* e *b*.

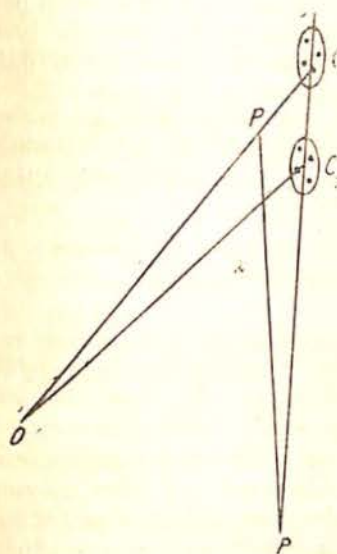


Fig. b

Dada com os novos elementos, a segunda salva enquadra em geral a linha de observação e muito raro é que, já nesta segunda salva, não possam ser observados um ou dois tiros como longos ou curtos em relação ao objectivo, vistos do observatorio. (fig. *b*). Sendo, entretanto, a correcção em alcance deduzida da observação da primeira salva ou «salva de flambagem», muito susceptível á irregularidades, principalmente quando as peças não atiram ha muito tempo, succede muitas vezes que a segunda salva ainda se apresenta descentrada em relação á linha de observação. Têm-se, por exemplo, resultados como estes:

| | | | |
|----------|------|-----------------|-------|
| 1.º tiro | | E. 9 millesimos | |
| 2.º " | | D. 1 | longo |
| 3.º " | | E. 2 | longo |
| 4.º " | | E. 6 | — |

A media dos desvios

$$\frac{E(9+2+6) - D(A)}{4} = E. 4$$

mostra que os tiros caem um pouco á esquerda da linha de observação, isto é (caso das figs. *a* e *b*), são longos. Para levar mais rigorosamente o ponto medio para a linha de observação, é preciso diminuir o alcance de 4. $h_1 = 4 \times 8,3 = 30$ m.

Apesar da contagem imperfeita da segunda salva, relativamente á linha de observação, póde-se, entretanto, ter observado o sentido de um ou varios de seus disparos, como no exemplo acima.

Supponhamos um ou dois tiros longos, vistos do observatorio. Indica isso (sempre o caso das figs. *a* e *b*) que a linha de tiro passa á direita de P. B.

Póde-se, então, immediatamente fazer um lance em direcção para levar o tiro para a esquerda.

Dependerá a amplitude deste lance da confiança que se tiver na primitiva direcção, nada tendo que ver com o garfo. Se a preparação foi muito cuidadosa, obtida por exemplo, pelo calculo e corrigida do vento lateral, pode-se admittir que o erro em direcção é verosimilmente inferior a 5 millesimos, e, então, deve-se fazer o lance desse valor. Se, ao contrario, foi precaria a preparação, corrige-se francamente a direcção de 20 millesimos.

No caso medio — de um tiro bem preparado, mas com elementos incertos do vento balístico, porque ainda recentes, pode-se tomar 10 millesimos como amplitude logica do primeiro lance em direcção. Comanda-se, então: «Deriva mais 10».

Agindo assim na deriva, os tiros deixariam a linha de observação se não fôr simultaneamente modificado o alcance. Já se viu que a modificação a fazer-lhe era de $\delta \times h_2$ ou, suppondo, no caso, $h_2 = 12,5$ m:

$$\text{Correcção da alça} = 10 \times 12,5 = 125 \text{ m.}$$

Em resumo, nas primeiras salvas tem-se quasi sempre de fazer o alcance soffrer duas correcções: uma correcção para melhor centrar a salva (no caso: — 30 m.) e outra correspondente ao lance de deriva (no caso: — 125 m.) ou á diminuição de alcance, no caso considerado, de $30 + 125$ ou 150 m., arredondando.

A terceira salva, dada com estes elementos, será verosimilmente melhor centrada em relação á linha de observação que a segunda e ter-se-ão mais probabilidades de poder observar alguns tiros curtos ou longos em relação ao objectivo.

Continua-se assim por salvas simples, até que se consiga cerrar a 2 ou 3 millesimos a regulação em direcção, isto é, até que se tenha enquadrado o objectivo em duas direcções diferentes de 5 millesimos ou que se tenham obtidos, numa mesma salva, tiros de sentidos contrarios (curtos ou longos vistos do observatorio), isto é que se obtenha *contradicção*. É muito frequente, quando foi bem feita a preparação, obter-se desde a segunda salva a contradicção, podendo-se considerar como terminado o tiro de ensaio.

Tiro de melhora — Pode-se, então, passar ao tiro de melhora, que tem por fins: o aperfeiçoamento ainda da regulação do ponto medio, em direcção e alcance, as correcções individuaes das peças afim de tornar perfeito o feixe e, ao mesmo tempo, a regimagem das peças.

Effectua-se o tiro de melhora, conforme o regulamento, por series de salvas de bateria, dadas sempre com cadencia lenta (5 a 7 segundos) afim de poder differenciar as peças. Cada serie comprehende um numero de salvas (3 para 75, 2 para os materiaes pesados), dadas com os mesmos elementos. O observatorio transmite no fim de cada serie o resultado dos tiros successivos, especificando as salvas, de modo a se poder identificar a peça, apesar de tiros não observados. Estuda-se assim o tiro de cada peça e effectuam-se correcções individuaes, toda vez que por sufficientemente constatado o sentido dos desvios.

Recommandavel é ser muito mais tímido quando as correcções individuaes se referem ao alcance, á regimagem, do que as modificações de deriva. E, com effeito, o tiro sufficientemente regular *em direcção* para que se possa julgar o seu sentido por um unico disparo nitidamente observado, sem precisar de confirmações, e não acarretando, além disso, as correcções de deriva complicações reaes no decorrer do tiro.

Ao contrario, os desvios em alcance, muito variaveis de um tiro a outro, necessitam sempre de confirmação e, por outro lado, são sempre fonte possivel de erros as correcções de alça ou de angulo de tiro executadas no decurso do tiro.

Por estas razões, parece aconselhavel só excepcionalmente fazer correcções individuaes em alcance e, em particular, não effectuar as correcções *beta* $\times h_2$ correspondente ás pequenas modificações individuaes de deriva.

Em summa, o tiro de melhora acarretará modificações individuaes de deriva para melhorar o feixe e, com frequencia, uma simples correcção global de alcance para centrar melhor o ponto medio sobre o objectivo, as correcções individuaes de regimagem só sendo realmente effectuadas, no decorrer do tiro, se o sentido fôr claramente definido por varias confirmações e demonstrada a sua importancia. Compe-

tirá, em seguida, á depuração deduzir as correcções exactas de regimen para cada peça. A depuração se exercerá somente em relação ás salvas dadas após a melhora do feixe, levada tão longe quanto possivel, isto é, nas salvas que não mais produziram correcções individuaes de deriva.

Tiro de efficacia. Pode-se geralmente passar do tiro de efficacia após uma unica serie de tres salvas de melhora.

Se o tiro tem por fim a destruição de um obstaculo bem determinado, conservará o mesmo mecanismo que o tiro de melhora, somente com a cadencia mais rapida das salvas e fazendo as correcções globaes successivas motivadas pelas modificações atmosfericas. São immediatamente percebidas estas modificações em sentido e *grandeza*, pela avaliação dos desvios angulares vistos do observatorio, podendo-se, então, fazer a correcção desde logo em verdadeira grandeza e o methodo segue assim, observando as fluctuações atmosfericas.

Se o objectivo apresenta certa largura, necessitando de escalonamento, procede-se á repartição após a primeira serie de melhora.

Ter-se-á o cuidado, entretanto, de manter sobre o ponto de regulação bem visivel o tiro de uma das peças, de modo a a poder julgar, pela observação deste tiro, das modificações a fazer soffrer ao conjuncto, no caso de variações atmosfericas.

Regulação expedita

Se a natureza do objectivo exigir resultados efficazes no menos tempo, limitar-se-á a levar o ponto medio sobre o objectivo apenas pelo tiro de ensaio, passando-se em seguida á efficacia por salvas ou mesmo por grupos, após a repartição, se for o caso, sem proceder á melhora.

O tiro de ensaio exige apenas tres ou quatro salvas, suas, se o *estabelecimento da direcção das peças foi feita com algum cuidado*, pode-se acceleral-o ainda, como já se disse, atirando por salvas de cadencia rapida, ou mesmo por grupos e apreciando a olho, pela luneta, o desvio angular do ponto medio do grupamento.

(Continúa)

O COMBATE A CAVALLO

Antes da grande guerra, os regulamentos francezes e allemães prescreviam, que o modo de acção normal da cavallaria era a carga, em ordem unida.

Como vimos, isto não aconteceu, quando pela auzencia de obstaculos, teria sido possivel, isto é no começo da guerra, se as duas cavallarias tivessem procurado o combate a cavallo.

Mas a cavallaria allemã não procurou, como era esperado, a sua inimiga para o combate á arma branca, antes pelo contrario, sempre o recusou quando procurada por esta, que assim pela sua audacia e decisão adquiriu, desde o começo da guerra a supremacia moral.

Após á batalha do *Marne* a frente de combate se estabilizou e os obstaculos de toda natureza, da *Alsacia* ao mar, immobilisaram a cavallaria.

Desde então o combate a cavallo foi considerado como impossivel e a cavallaria, para continuar a desempenhar as suas diferentes missões, teve de se adaptar ás circumstancias do momento.

Os seus processos de combate se transformaram e ella foi dotada de armamento que lhe permittiu combater como a infantaria.

Quando em fins de 1918, rompida definitivamente a frente allemã, foi iniciada a perseguição ao exercito derrotado, apresentou-se novamente oppportunidades á cavallaria franceza de ser empregada a cavallo.

Mas sobreveio o armisticio e aquelles cavalleiros «que não tinham perdido a fé na sua arma», viram dissipada a sua ultima esperanza, que teria de certo se transformado em brilhante realidade, se a continuação da luta o tivesse permitido. «Certamente nossa *revanche* teria sido ainda mais bella, se nos dias radiosos de novembro, despertando nas estradas da Alemanha o echo das cavalgadas dos Hussares de Lassalle, nos houvesse sido permitido, impellir de lança aos rins o inimigo vencido». Assim se exprimiu um d'aquelles cavalleiros, que nunca perderam a fé na sua arma, o nosso sempre lembrado mestre, cmt. De Dalmassy. Mas, se a cavallaria, pelas razões mencionadas já, não

combateu a cavallo, no theatro occidental da guerra, deve-se concluir que ella nunca mais o poderá fazer? «Não certamente, porque seria esquecer que acima das influencias numericas e balisticas domina a potencia soberana do elemento moral. Quanto mais se desenvolvem os meios scientificos, tanto mais se torna formidavel o imprevisto; este imprevisto se originará de um incidente fortuito, de uma *panne*, de um engarrafamento, que crearão a desorganisação, de uma falta de abastecimento. Que sei mais?...

Occasiões passageiras, em que a vantagem pertencerá sempre á coragem, á audacia e á decisão que surgem no ponro fraco, inesperadamente.

Alem de que, muitas vezes, só por meio da arma branca, conseguiremos abrir caminho até o fim; o golpe de lança vigoroso será, em ultima analyse, o unico argumento a empregar contra uma cavallaria que procura ou acceita o combate e poderá sempre ser empregada contra uma infantaria surprehendida ou tomada de panico, e contra uma artilharia se deslocando, ou que se encontra em posição arriscada». ⁽¹⁾ O nosso regulamento de cavallaria, nas suas considerações geraes, diz que as acções da cavallaria a cavallo serão muitas raras e até mesmo excepcionaes para as unidades superiores ao R. C. E apesar de reconhecer que a nossa cavallaria disporá de immensos espaços favoraveis aos seus movimentos e emprego e que poderá succeder que tenha de enfrentar formações improvisadas de cavallaria não dotadas ainda de todo o armamento nocturno, só o emprego do R. C. a cavallo é encarado eventualmente. Sem querermos assumir o papel de critica para o qual nos falta competencia, julgamos, no entanto, que o nosso regulamento citado parece ter soffrido, de maneira exagerada, a influencia da guerra de posição, no theatro occidental, onde uma frente continua e dotada de obstaculos de toda natureza, só permittia o emprego da cavallaria, como infantaria.

Parece, pois, que o nosso regulamento, não deu ao combate a cavallo a impor-

⁽¹⁾ Cmt. De Dalmassy Conferencia feita na E. E. M.

tancia que elle merece entre nós, e esta parte da instrucção é nelle tratada resumidamente.

Em caso de guerra, a nossa cavallaria disporá de innumerados espaços favoraveis ao seu movimento e emprego e nunca os obstaculos physicos constituirão um embaraço que a impeça de combater á arma branca. Alem disto a impossibilidade, por falta de meios, de ser organizada uma frente continua, permittirá á cavallaria manobrar e encontrar muitas occasiões de ser empregada a cavallo, em todas as phases da luta, e principalmente, nas operações de exploração e cobertura.

O obstaculo e a potencia de fogo do armamento moderno reduziram o emprego da cavallaria a cavallo, mas poderá acontecer, como o nosso regulamento prevê, que nenhum delles appareça.

Porque encarar então, apenas o emprego do R. C. a cavallo? Não seria preferivel, que a unidade a empregar ficasse ao critério do cmt. de grande unidade de cavallaria, que pelo estudo do terreno e das condições do inimigo, julgasse que quantidade de tropa deveria empenhar no combate a cavallo?

Acreditamos que a nossa cavallaria, pela natureza do terreno, onde será empregada, e pela forma de que se revestirá a nossa guerra, terá frequentemente, occasiões de combater a cavallo, sem precindir, contudo, do armamento moderno de que se acha dotada, armamento este que lhe será de grande utilidade para apoiar a sua acção pelo choque.

Pensando assim, julgo que nos devemos preparar para o combate a cavallo, por meio de uma instrucção methodica e ouzada, que permitta a nossa cavallaria enfrentar a sua inimiga e impor a sua vontade.

Não nos devemos esquecer, que a cavallaria de um inimigo, constituida de cavalleiros excellentes, bem montados e perfeitamente instruidos no manejo da espada e da lança, procura, provavelmente, o combate a arma branca, do qual não poderemos fugir, pois neste genero de combate se decidirá a supremacia moral de uma das cavallarias inimigas, meia victoria para aquella que a possuir.

O assumpto, do qual nos viemos occupando, mereceu ser tratado muito detalhadamente, por um regulamento europeu mo-

derno, o da cavallaria ingleza, o que dá idéa de sua importancia, mesmo para quem as condições de emprego da cavallaria não serão tão favoraveis como entre nós.

E' um regulamento baseado, naturalmente, na experiencia e nos ensinamentos da ultima guerra, cuja autoridade no assumpto não se pode por em duvida, pois os seus autores fizeram a guerra, não só na frente occidental como em outros theatros de operações e a cavallaria britannica, desempenhou um papel muito importante na Palestina e na Syria, em fins de 1918, quando perseguindo o exercito turco, percorreu em pouco mais de um mez 500 kms., fez 46000 prisioneiros e apprehendeu importante material de guerra, concorrendo do modo mais efficaz para o aniquilamento completo de 3 corpos do exercito turcos.

Ainda não conhecemos os detalhes das operações desta cavallaria e o modo como foi empregada, mas provavelmente, muitos ensinamentos tiraram os inglezes destas operações, que lhes terão servido para a confecção do seu regulamento.

E' do citado regulamento que abaixo damos uma traducção do combate a cavallo.

Ao leitor pedimos desculpa, se a clareza, o methodo e a concisão com que este assumpto é tratado no original, foram prejudicados pelo traductor.

(²) Os principaes caracteristicos da cavallaria são: facilidade de mover-se rapidamente, combater em movimento e vencer grandes distancias em tempo relativamente curto, combinando a potencia do fogo com a sua grande mobilidade; o que lhe permite agir independente e a torna capaz de empregar a maior parte das operações em que a infantaria é geralmente empregada. Quando não ha obstaculos physicos intransponiveis a cavallaria poderá se approximar rapidamente do inimigo, atacar de surpresa e assim obter melhor resultado da acção. Em terreno favoravel e contra um inimigo mal instruido e que não possua armamento mecanico moderno, as oportunidades de emprego da cavallaria a cavallo se apresentarão em todas as phases da luta; mas em terreno coberto e accidentado e contra um inimigo bem armado e instruido, protegido com arame

(²) Do regulamento de cavallaria inglêz.

farpado e tendo organizado definitivamente o terreno, estas oportunidades serão muito raras e passageiras.

Não obstante o poder destruidor das armas mecanicas modernas tender a augmentar, o effeito moral de um ataque a cavallo, a espada ou lança será sempre muito grande e tanto maior, quando o inimigo não estiver protegido por nenhum obstaculo physico ou mecanico.

Um R. C. quando a pé, equivale em potencia de fogo a 2 companhias de infantaria apenas; por consequencia, a cavallaria desenvolve o seu maior poder, quando actua a cavallo, apoiada pelo fogo dos seus canhões, metralhadoras e fuzis.

Comtudo não nos devemos esquecer, que grandes massas de homens ou de cavallos serão mais vulneraveis do que nunca, aos fogos de artilharia e metralhadoras e aos ataques aereos e é essencial portanto, que sejam dissimuladas á observação terrestre e aerea.

A marcha de aproximação

1. Uma força de cavallaria, que avança ao encontro do inimigo, deve marchar bem concentrada, mas com intervallos sufficientes para lhe facilitar a passagem em qualquer terreno e um desdobramento rapido, e que permitta aos commandantes subordinados fazerem o melhor emprego possivel do terreno.

Em uma acção a cavallo, haverá muitas vezes necessidade de levar unidades de reserva muito para a frente, para que possam tomar parte na acção, si for preciso, ou explorar um successo obtido.

2. Em terreno descoberto a artilharia marchará reunida em um dos flancos da cavallaria, aproveitando-se para este fim, de qualquer estrada utilisavel.

Alguma artilharia a cavallo e metralhadoras, devem ser normalmente destacadas para apoiarem a Vg. de uma Bda. C. ou de outra qualquer grande unidade desta arma.

Logo que as forças inimigas se approximam, novas patrulhas, si necessario apoiadas por destacamentos mais fortes, serão enviadas para obterem informações mais detalhadas, tanto da posição, forças e movimento do inimigo, como do terreno, afim de permittir ao commandante formar o seu plano de acção.

As mais importantes destas patrulhas devem ser commandadas por officiaes.

3. Se for possivel surprehender o inimigo, a Vg. pode ser substituida por patrulhas, que, em regra, serão constituídas por 1 ou 2 officiaes bem montados, acompanhados de alguns estafetas para trazerem as informações.

Estas informações provavelmente serão verbaes, porque não haverá tempo sufficiente de escreve-las.

4. Muitas vezes, na ultima phase do avanço, surgirão obstaculos, taes como pedreiras, fossos, arame, trincheiras, buracos de obuzes, etc., que, a certa distancia, podem ser perfeitamente invisiveis.

Deve-se portanto, tomar a precaução de empregar os exploradores do terreno, afim de evitar que estes obstaculos, encontrados inesperadamente, por tropas, que se movem com rapidez, provoquem um desastre.

5. Todas as viaturas dispensaveis serão reunidas e convenientemente guardadas.

As que se não podem deixar atraz, seguirão o grosso, a uma distancia sufficiente para evitar que se envolvam na acção.

Logar dos Commandantes.

E' necessario que o commandante faça pessoalmente um reconhecimento, antes de ser desencadeado o ataque.

Durante a marcha de aproximação o mandante, acompanhado dos commandantes subordinados, deve estar onde melhor possa ver o terreno, em que o ataque poderá ser desencadeado, e onde melhor possa exercer sua acção de commando sobre o conjunto.

Afim de evitar uma reunião de officiaes muito visivel, o estado maior deve ser escalonado convenientemente.

Em regra, o commandante será acompanhado ao seu posto de observação somente por um official do seu estado maior e pelos commandantes subordinados, que tenham necessidade de ver o terreno com os seus proprios olhos.

2. Os commandantes subordinados devem permanecer junto do commandante até quando for possivel.

Depois que lhes for communicado o plano geral de acção, voltarão a se reunir ás suas unidades.

Deve-se tomar precauções, afim de assegurar que as necessarias disposições para o ataque, tomadas dentro das unidades, prosigam sem interrupção e não fiquem dependendo da volta dos commandantes destas unidades, que por ventura estejam junto ao commandante, ou em reconhecimento pessoal.

3. Depois do desencadeamento do ataque, o commandante permanecerá onde melhor possa observar o combate e ao mesmo tempo conservar suas reservas bem na mão, para uma acção ulterior.

Ten. J. Facó

(Continúa)

Notas sobre a instrucção dos quadros no Serviço de Campanha

IV Esquadrão em Destacamento de Descoberta

As mesmas considerações que foram feitas para o pelotão. Tomaremos por exemplo, um esquadrão apoio de reconhecimento de official, tendo recebido a missão de esquadrihar completamente o terreno a percorrer; a ordem pode ser dada sob forma de itinerario central ou de zona limitada lateralmente.

Principios de emprego: — o esquadrão marcha concentrado por um itinerario escolhido, destacando para sua frente patrulhas de descoberta sobre todas as estradas de accesso do seu sector.

A concentração é necessaria para conservar ao destacamento sua força que foi determinada pelo chefe, tendo em vista o fim a attingir; fraccional-a seria ir de encontro ás suas intenções.

As patrulhas devem ser enviadas para a frente e não simplesmente sobre seus flancos, de maneira que o chefe do destacamento seja informado a tempo.

Para a escolha do itinerario, contrariamente ao que foi dito para o pelotão, o esquadrão pode e deve empregar as estradas; pode assim proceder, porque sua força permite atravessar as aldeias, ter um ligeiro serviço de segurança sobre os flancos; e *deve*, porque nos pequenos caminhos onde não pode marchar senão em columna por um, occuparia uma profundidade de 300 a 400 metros e portanto, o seu desenfiamento seria illusorio, encontriaria sómente fadiga.

Marchará então sobre a estrada principal, na que tem mais probabilidades de encontrar alguma cousa: localidades onde haverá correio, telegraphos, estação etc.

Marchará naturalmente por lances successivos, porem, de grande amplitude (6

a 10 kilometros), marcados pelos cortes do terreno, bifurcações de estradas, pontos onde apoie e sustente seus reconhecimentos, ou de onde irradie suas patrulhas.

O modo de emprego das patrulhas, differe totalmente do que foi preconizado para o pelotão:

1.^o — porque o esquadrão dispõe de elementos, permittindo-lhe destacar verdadeiras patrulhas de descoberta e mesmo reconhecimentos de officiaes, em cujas informações deve confiar de maneira absoluta;

2.^o — porque, em virtude de sua força, é mais estavel sobre sua direcção e pode contar ser seguramente informado ou ligado por elementos destacados a uma certa distancia e por tempo assaz longo.

Em consequencia: — o destacamento marcha cercado de um serviço de segurança na frente e sobre os flancos, tudo isso feito independentemente das patrulhas de descoberta que destacará durante sua marcha.

Uma patrulha de descoberta precede o destacamento sobre seu itinerario; chegado ao fim de um de seus lances, o capitão destaca sobre as estradas de acesso, diferentes da que elle segue, os reconhecimentos necessarios.

As ordens que lhe serão dadas têm uma grande importancia; si forem vagas ou incompletas, seu esquadrão ficará reduzido, no fim de 3 horas de marcha, ao capitão e ao seu clarim; — deverão indicar: a situação, o fim, o itinerario para onde informar, onde se reunir e como fazer a ligação.

Ha interesse em reunir essas patrulhas ou pelo menos, ligar-se com ellas no lance

seguinte; ha igualmente interesse, para garantir a permanencia da descoberta, destacar uma nova patrulha na direcção em que foi enviada uma que ainda não tenha regressado.

A *velocidade* util do esquadrão será no maximo de 6 kilometros, si quizer que seus reconhecimentos possam bem cumprir seus deveres.

Estudar as situações seguintes:

— Um destacamento inimigo de força variavel se apresenta inopinadamente diante do esquadrão: — atacar.

— Sobre um corte a estrada está fechada para as patrulhas: — abrir-a.

— Uma patrulha assignala uma forte columna inimiga de todas as armas sobre uma direcção affastada da que é seguida pelo esquadrão: multiplicar os reconhecimentos e approximar-se para os sustentar.

Obtidas informações completas, tudo fazer para garantir a volta.

— Enquanto o inimigo não é assignalado, a descoberta se amolda, pois, sobre o terreno por objectivos successivos; porem, desde que a sua presença é indicada, os reconhecimentos são multiplicados e não tem mais sinão *elle* como objectivo.

O destacamento deixa então o itinerario escolhido como podendo lhe dar o contacto, para sustentar e alimentar seus reconhecimentos na direcção em que o contacto foi estabelecido.

V Esquadrão Destacamento de Segurança de Primeira Linha

O caso considerado é o de um esquadrão, destacamento de cobertura enviado pela Brigada de Cavallaria, — segurança de primeira linha de um Corpo de Exército.

A ordem dada indicará: o sector de acção do destacamento, as ligações a estabelecer no sentido da frente e da profundidade, a linha sobre a qual deverá parar no fim de sua marcha; a missão durará 24 horas.

A *missão* do destacamento de segurança de primeira linha é de assignalar a presença do *inimigo* em uma *zona determinada* pela ordem recebida, esquadrinhando

o terreno de maneira completa, — manter a rede de estradas que serão utilizadas, no dia seguinte, pelas columnas de infantaria, — dar ao commando todas as informações necessarias sobre *a viabilidade das estradas e os recursos das localidades*, — estabelecer durante seu estacionamento uma *resistencia* sobre a linha indicada.

Desde que o destacamento deve manter a rede de estradas, si houver varias em seu sector, é necessario que elle se fracione, porem, assegurando uma ligação perfeita entre os seus differentes grupos.

O Capitão marchará então pela estrada principal ou central, com o grosso do seu esquadrão, destacando um, ou meio pelotão, sobre as vias de menor importancia.

Cada um desses elementos recebe uma ordem lhe indicando: seu itinerario e as horas em que deverá chegar ás differentes linhas do terreno indicado, para ahi estabelecer a ligação: e marcha precedido de uma ponta.

O conjuncto do destacamento de cobertura prosegue assim por *lances successivos*, marcados pelos cortes, passagens de vias ferreaes, as grandes estradas transversaes etc.

O chefe de cada um dos elementos aproveita o tempo de parada, para irradiar pequenas patrulhas e para indicar sobre um croquis de itinerario rapido as informações colhidas sobre a viabilidade das estradas e os recursos locais.

A velocidade não attingirá mais que cinco kilometros por hora, para que os differentes grupos possam desempenhar as suas complexas missões.

Este destacamento não terá de percorrer como distancia, senão o valor de uma etapa de infantaria, augmentada da que á tarde, separa o grosso da brigada de sua linha de cobertura, ou seja uma marcha de 35 kilometros no maximo.

O Capitão commandante tem ainda a assegurar, segundo as ordens recebidas, a *ligação* no sentido da frente com os destacamentos visinhos e no da profundidade com o grosso de sua brigada.

— As *informações positivas* devem em um destacamento de segurança, ser mais frequentes do que na descoberta; as informações *mesmo negativas* serão enviadas na passagem de certas transversaes fixadas pelo commando; enfim, á tarde, um relatorio deve ser enviado do ponto de

estacionamento, sobre a missão do dia, as informações estatísticas colhidas, as disposições tomadas etc.; é esta a verdadeira ligação no sentido da profundidade.

A ordem indica a linha a atingir no fim da marcha, em geral um corte do terreno que o destacamento de cobertura deve manter *toda a noite*, onde deverá fazer uma organização defensiva; sua missão cessa na manhã seguinte, quando deverá ser substituído por um novo destacamento.

Pode-se estudar as situações seguintes:

— Uma patrulha inimiga se choca com um dos grupos: impedir-lhe a passagem; — a cobertura deve se esforçar para tornar impossível a descoberta inimiga.

— Um regimento de cavallaria inimiga, atravessa o sector do esquadrão, obliquamente em relação a seu eixo de marcha: — guardar o contacto com uma patrulha,

depois de ter informado, continuar a missão; *a segurança não está ligada ao inimigo*, porém, *à tropa que a destaca*.

— O destacamento se achava em presença de uma grande força de cavallaria, lhe impedindo de continuar na sua estrada: — informar, manobrar em retirada de maneira a dar ao grosso da segurança de primeira linha, o tempo para intervir.

— O destacamento de cobertura assegura sua missão permanecendo sobre a direcção que o chefe lhe tenha dado e onde conta com a sua presença e resistência.

O destacamento de segurança de primeira linha tem pois, um raio de acção limitado — seus objectivos são impostos pelo terreno — seu serviço dura 24 horas sem interrupção.

(Continua)

RECONHECIMENTO DO TERRENO

Lições ministradas aos meus sargentos

II LICÇÃO

Reconhecimento

Dá-se o nome generico de *reconhecimento* (sob o ponto de vista militar) a qualquer trabalho ou conjunto de operações levadas a effeito com o fim de esclarecimentos fornecer á tropa em campanha sobre as forças e posições do inimigo *já assignalado*, ou sobre uma dada região do theatro da guerra, explorada quanto á sua configuração, ou, ainda, sobre os recursos de todo genero, nella encontrados e que aos movimentos militares tenham applicação. É, de um modo mais synthetico, todo trabalho de detalhes uteis ao Commando, esclarecendo-o quanto ao desenvolvimento da operação já em projecto.

Ha ainda, infelizmente, entre nós, grande confusão entre reconhecimento e exploração: não ha uma definição nitida e precisa para cada uma d'estas operações distinctas, a não ser a do Capitão Nilo Val: O reconhecimento é uma exploração de caracter todo especial, tendo por fim *verificar certos elementos quanto ao terreno ou quanto ao inimigo*».

As definições dadas em nosso R. E. C. ⁽²⁾ confundem-se: artigo 326 e artigo 342.

Exploração

Artigo 326. «Em campanha, para assegurar uma boa direcção das operações, o commando precisa estar continuamente informado sobre a *situação geral do inimigo*, as *condições e recursos do terreno*».

CAPITULO X

Reconhecimentos

Artigo 342 — «Toda operação tendo por fim obter noticias *sobre o inimigo*, *sobre a topographia e recursos do theatro de operações*, tem o nome de reconhecimento».

⁽²⁾ Estas notas foram compiladas em 1915.

O Regulamento para o serviço de campanha de 1918 diz:

«231 — A exploração tem por objecto fornecer ao commando de qualquer tropa as informações necessarias á sua liberdade de acção e segurança para que elle possa desenvolver o seu plano de operações.»

Tratando do reconhecimento, apenas allude ao caso de impossibilidade da exploração pela cavallaria, affectando-o á infantaria. Não distingue uma da outra operação.

O R. S. C. (edição de 1921) incide na mesma usura, agravada por falta de definições.

O reconhecimento é mais intimamente ligado ao terreno do que ao inimigo. Não há duvida que as tropas inimigas devem ser por elle observadas. Mas o que é verdade é que a sua maior utilidade diz respeito ás condições do terreno a percorrer pela tropa. Ahi se entendem sobretudo as condições das estradas; a natureza dos cursos d'agua, dos bosques e matas; a praticabilidade dos terrenos que marginam as estradas; os locais proprios ao estacionamento tanto de grandes como de pequenas unidades, attendendo-se, neste caso, á proximidade d'agua e lenha; linhas naturaes que se prestem á cobertura da posição e disponham de installações convenientes para os postos avançados proprios á observação e manutenção de certos pontos julgados de importancia militar, etc., etc..

A exploração visa mais o inimigo, a cujo encontro se vae pelo caminho mais curto e provavel de sua utilização. Ella só é feita por occasião da guerra, após a mobilização, ao passo que o reconhecimento existe desde a paz e, na guerra, não busca o imprevisto: dirige-se ao inimigo ou ao terreno já com certa segurança sobre o objectivo, de antemão estipulado, conhecido, tendo de se preocupar apenas com o fim em vista, que é determinado e delimitado. Na exploração este é amplo e geral, indefinido, requerendo informações de tudo e raramente dispondo já de alguma informação segura. Com a urgencia característica d'este serviço, afim de que a informação chegue a tempo, nem sempre será possivel fornecer esclarecimentos sobre os detalhes do terreno, por exemplo, o que é missão do reconhecimento. Isto não quer dizer que ao explorar não se faça, implicitamente, um reconhecimento; porém tal não é a preocupação essencial de seu executante. O fim da cavallaria independente não é a segurança; entretanto o desenvolvimento de seu papel de certo modo incide no da divisionaria, isto é, explorando, tambem cobre. Já quem reconhece, absolutamente não explora, só excepcionalmente e dada a relação intima e commum de certos assumptos recaindo nesta operação.

Explorando á frente, percorrendo uma estrada e encontrando uma ponte em máo estado, póde o commandante da exploração dar d'esse facto sciencia ao seu commandante de esquadrão, sem, entretanto, en-

trar em detalhes a respeito. Depois desta noticia é que se mandará reconhecer a ponte. A exploração prosegue em seu objectivo, a busca do inimigo, indeterminada e vagamente. O reconhecimento, delimitado á ponte e seu estado, cessa ahi. Ha, pois, em resumo, grande distincção, umas vezes mais, outras vezes menos clara, é verdade, entre uma e outra operação.

Geralmente se admite que para um reconhecimento ser bem feito deve proporcionar, invariavelmente, uma planta topographica perfeita e uma memoria escripta que a complete.

Vae nisso um erro, visto que, na pratica, em determinados casos, o tempo não permittirá sinão uma exposição verbal do resultado e noutros, ora uma, ora outra coisa só bastará para satisfazer o fim que se tem em vista. Pondo-se de parte o caso, por exemplo, em que o tempo prejudica um d'estes dois ramos, fazendo optar pelo mais conveniente e util, é de observar que um croquis com algumas notas á margem basta, em geral, para estabelecer um bivague, ao passo que uma parte de algumas linhas resumidas ou mesmo uma exposição verbal, permite dirigir, com toda a segurança, um comboio ou uma columna de tropas na direcção desejada.

Dependendo o successo das armas, muitas vezes, do reconhecimento, que póde ser considerado u'a medida de precaução indispensavel a qualquer operação, deve ser executado com zelo, dedicação, intelligencia e probidade (Fracasso da Guarda Napoleonica em Waterloo).

Todas as unidades de que se compõe um exercito, quer agindo em conjunto, quer isoladamente, devem cuidar de sua propria segurança e de tirar do terreno a percorrer o maior partido possivel, pois elle supprime muita vez a insufficiencia dos outros dois factores capitais dos combates o pessoal e o material.

Tanto não será conseguido sinão por meio dos reconhecimentos, feitos de modo que cada elevação, cada bosque, cada atalho lhes sejam de antemão conhecidos, nenhuma surpresa reservando-lhes. Assim terão segurança seus movimentos, em vão procurada em marchas dobradas e consequentes grandes fadigas de toda a tropa geralmente inuteis e fataes. O reconhecimento preciso e previo dos recursos locais da configuração da zona, da situação e condições do inimigo, etc., necessario a

Chefe para o seguro traçado de suas ordens de combate, é-lhe indispensavel e não pôde ser feito á ultima hora por toda a sua tropa: deve ser obtido por uma pequena tracção, mais movel, mais lepida, mais adaptavel, e que poderá, depois de um ingente esforço, descansar á vontade, sem prejuizo sensivel para o conjuncto, resultante de sua ausencia.

E' com o reconhecimento que se põe o exercito ao abrigo das surpresas e se prepara os ataques. Como as forças, disposições tomadas e as intenções e effectivo presente do inimigo podem mudar de uma hora para outra, os reconhecimentos succedem-se periodicamente pondo o Chefe ao par do serviço diario de um exercito em campanha. Elle constitue, pois, um *complemento* da exploração.

O reconhecimento é operação tão importante que Napoleão e Frederico II raramente atacavam sem, em pessoa, reconhecerem elles proprios o campo de batalha. E por ser assim é que este serviço incumba especialmente ás attribuições do pessoal do estado maior. Em muitos casos, porém, segundo a especialidade da missão, podem ser commettidos a patrulhas commandadas por officiaes quaesquer, de qualquer arma, como tambem pôde ser conveniente, ao lado do official de estado maior, um technico de cada arma. Quasi mesmo se pôde dizer, em casos mais simples, com relação aos sargentos, immediatos substitutos dos commandantes de patrulhas. Em nosso paiz tocará este serviço muito communmente a estes, ⁽³⁾ no que respeita especialmente ao terreno, mormente, quando, morto ou extraviado o official, o tenham de substituir em tal função. Além do que, tratando-se de u'a missão simples, deve-se de preferencia affectar a ao inferior afim de reservar o official para os casos mais importantes. Eis ali a razão de ser deste ramo da instrução ser-se consignado implicitamente no programma de instrução dos sargentos do esquadrão.

E' essa a noção geral que possuímos de reconhecimento, dando em resultado uma planta e u'a memoria. Mas o que nos interessa estudar agora, é, particularmente, o *reconhecimento do terreno*.

Encarados sob seu fim, os reconhecimentos do terreno dividem-se em duas categorias.

1.^a) — os de ordem *estatística* pura, que se relacionam a esclarecimentos tocantes aos diversos recursos do paiz utilizaveis ao exercito (viveres, viaturas, alojamentos, animaes de sella, de tiro, de albarda, etc.); a viabilidade; o regimen dos cursos d'agua e seus meios de passagem; a natureza das florestas e sua praticabilidade, etc.;

2.^a) — os de ordem *táctica*, que comportam o exame do terreno debaixo do ponto de vista de uma dada operação: marchas, estacionamento, defesa ou ataque de posição.

Os reconhecimentos da primeira categoria são o mais das vezes confiados a officiaes ou funcionarios dos serviços que mais directamente interessam os esclarecimentos procurados; não reclamam dos que lhes são encarregados sinão conhecimentos technicos especiaes relativos a esses serviços.

Os da segunda exigem, além d'isso, um grande conhecimento e habito do emprego das cartas topographicas e noticias estatísticas que as completem, bem como conhecimentos tacticos tanto mais vastos quanto mais importante é a operação em virtude de que se os executa; os principaes são confiados a officiaes do serviço de estado maior. (Entre nós, por emquanto, não poderá haver essa selecção sinão theoreticamente: seremos pau para toda obra, tocaremos todos os instrumentos). São reconhecimentos seleccionados, que se poderá, por analogia, chamar *estrategicos*, quando executados sem preocupação com o inimigo e *tacticos* quando sob os olhos d'este.

Postos aquelles de parte, os reconhecimentos da segunda categoria podem ser repartidos em *defensivos* ou *ordinarios* (diarios), feitos pelas tropas não cobertas e visando conhecer as novas disposições do inimigo, si occupa determinadas posições, suas medidas recentes, etc.; *offensivos* ou *a mão armada*, com o fim de apreciar com precisão e segurança, por meio de demonstrações e combate, as posições e forças do adversario, podendo degenerar em acções geraes e decisivas, e, finalmente, *especiaes*. Nesta especie de reconhecimentos é que se vae apreciar as distancias, o estado dos caminhos e os trabalhos de que carecem, a configuração e accidentes do terreno e as facilidades e obstaculos que apresenta, afim de regular a marcha das

(³) V. o R.S.C. de 1921, pag. 249.

columnas; explorar as posições a occupar successivamente, seja para apoiar ataques, para mantel-os em caso de resistencia do inimigo ou sua offensiva, seja para garantir a retirada; reconhecer a collocação e a força dos postos principaes ou reentrantes do inimigo; a configuração dessas posições; as defezas ahi estabelecidas; a difficuldade ou os meios de as abordar; enfim, avaliar os effectivos do adversario em cada ponto, penetrando e desvendando suas intenções.

Estes reconhecimentos podem ser confiados parcelladamente a differentes patrulhas, affectas a umas o inimigo e a outras só o que diga respeito ao terreno. Será uma divisão do trabalho, sempre vantajosa quando possível. O resultado de todas as observações e informações obtidas, contendo dados não só sobre o adversario como também sobre o terreno, facultará mais segura base ás resoluções do Commando.

O encarregado do reconhecimento de uma determinada zona de terreno, com caracter restricto e especial, o que quer dizer, debaixo do ultimo ponto de vista, — configuração principalmente — isto é, o que nos interessa actualmente nestas lições, deve ter precisamente determinado o objectivo de sua missão, afim de não perder seu tempo no estudo de objectos de interesse secundario, com o detrimento de outros, essenciaes ao projecto concebido pelo Commando.

Recebendo a ordem verbalmente (e este é o caso geral na guerra), é preciso que elle discirna bem, apprehendendo-o, o alcance, o fim principal da ordem recebida. Destacará os pontos que devem empolgar a sua attenção e delineará o fim com que o reconhecimento deve ser feito. Tomará as explicações que julgar convenientes sobre a importancia de certos detalhes, pedindo esclarecimentos sobre as partes obscuras, si as houver.

Tudo isto feito, confeccionará sobre o assumpto algumas notas succintas, que, redigidas antes da partida, lhe servirão de guia ao desenvolvimento da missão.

Estudando-as, deve, das noções geraes attinentes ao serviço, destacar, por occasião do reconhecimento do terreno, o que ferir sua attenção, procurando ver e reter o que depender do caso particular em que está collocado e da situação tactica motivante do reconhecimento.

Neste mister procura-se, antes de tudo, adquirir uma vista de conjunto do terreno e de seus característicos, o que se logra observando-o d'uma região central, caminhando sobre as partes elevadas, recortando o terreno de cristas a mamelões.

Não se trata sinão de um croquis esboçado a largos traços; mas a sobriedade d'esses traços deve precisamente constituir uma segura garantia de sua nitidez e de seu rigor, como é necessario.

Assim procedendo, o official examinará separadamente os differentes accidentes do solo: bosques, villas, alturas, cursos d'agua, casas, etc., etc.. Mas é preciso sobretudo não esquecer:

1.º — Que a força ou a fraqueza da posição depende da combinação, da reunião das propriedades ou dos senões dos pontos examinados;

2.º — Que estes dois elementos — terreno e combatentes ou tropa — sendo inseparaveis um do outro, a questão capital, para o encarregado do reconhecimento, consiste em apprehender, em pôr em evidencia a relação que liga o terreno e o emprego da tropa, nesta incluindo, necessariamente, o seu material; em procurar, em uma palavra, as propriedades do terreno e seu aproveitamento no caso particular em que está collocado;

3.º — Que, enfim, o official deverá ter sempre em vista o FIM a attingir e esquecer tudo que não tenha ligação com o objecto do reconhecimento.

Por isso também se recommenda que os themas, ou as ordens, fixem exactamente o assumpto de que se faz questão no reconhecimento a executar.

Tratando-se de reconhecer um bosque, por exemplo, é inutil pedir ao official uma memoria extensa sobre sua natureza, devendo, portanto, a ordem se limitar ao objectivo, pondo de parte o que em outro caso poderia ser necessario. Assim, a ordem será formulada nos seguintes termos:

«Reconhecimento do bosque A sob o ponto de vista de sua viabilidade para tropas numerosas de todas as armas, marchando de B para C», ou, então: «sob o ponto de vista dos recursos que apresenta para a defesa contra o inimigo vindo do caminho de encosta de D», ou ainda: «sob o ponto de vista do ataque levado sobre a orla de N», etc.

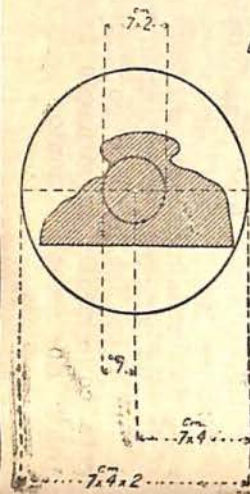
(Continúa)

Cap. Dillermundo de Assis

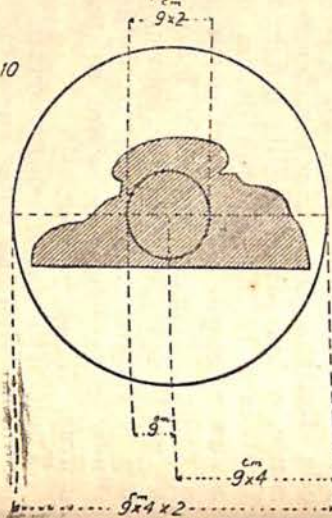
Constando-me que ainda não está sendo impresso o novo R.T.I. e cumprindo o que prometti no meu artigo inicial, inserto no n.º de Abril ultimo desta revista, aqui vou deixar enunciado o que penso se possa, ou deva fazer em se tratando de alvos, não só para o «tiro de instrucção», á cuja categoria pertence o tiro de combate, mas tambem para o tiro preparatorio (como ousou propor) dos de instrucção, classificação de atiradores e condições de acesso destes no ambito de cada classe. E assim penso se deva proceder, razoavelmente de accordo com ensinamentos balísticos combinados com o aceitavel grau de justeza (precisão e regulação) ⁽¹⁾ desse nosso armamento, já não tentando fazer valer, no caso, o resultado das minhas observações a seu respeito, colhidas no lidar com o mesmo quasi que diariamente desde a sua distribuição pela tropa (1915), já na verificação do seu estado de justeza, já no ministrar da respectiva instrucção de tiro aos que têm estado sob minha responsabilidade de conductor

(1) Vide o meu artigo e a Erratas, contidos, respectivamente, nos ns. de Maio e Junho ultimos, desta revista, pags. 632, 633 e 697.

Alvo para 150^m



Alvo para 200^m



de homens, «métier» incompreensivelmente tão desdenhado por uns e explicitamente temido por outros, mesmo dentre os que se julgam optimos profissionaes.

Para mim, a instrucção de tiro deve comprehender, em traços geraes:

- A) — *Instrucção preliminar* (theorico-pratica), na caserna;
- B) — *Instrucção preparatoria* (pratica do tiro p.º de combate), nos Stands;
- C) — *Instrucção do tiro de combate* (essencial-pratica), nos «Campos de instrucção», ou nos terrenos livres convenientes p.º o mesmo tiro.

Para ministrar-se a preliminar, — instrucção da parte A) —, basta continuar a obedecer ao que prescreve a nossa actual 2.ª edição do R.T.I., sobre o assumpto, combinando com o que ensina o «Guia para o ensino da pontaria» por V. Byern, traducção da Bibliotheca desta revista.

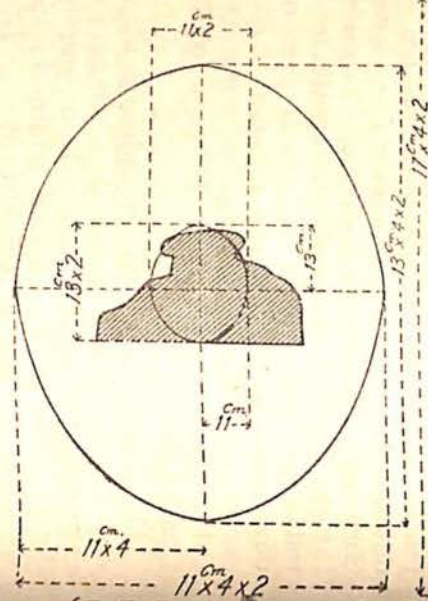
Constará de: noções de tiro; exercicios de

pontaria; accionamento do gatilho; posições de tiro; regras de conducta nos Stands; serviço de marcação (de accordo com o exposto neste meu trabalho). Os exercicios de pontaria (o instruendo: sentado em um tamborete ou cadeira, com a arma apoiada em sacco de tamanho conveniente e cheio de terra ligeiramente arenosa — de preferencia á areia —, sobre uma mesa bem firme; deitado, com a arma apoiada; deitado, arma livre; de joelhos, arma livre, e em pé, com alguns outros processos expeditos para arma livre) darão lugar, inicialmente, combinados um exame rudimentar da vista dos instruendos, afim de se lhe encaminhar ao medico do corpo, á classificação de apontadores, ou que o instruendo não faça tiro de guerra sem que tenha previamente satisfeito determinadas condições, conforme prescreve a nossa actual 2.ª edição do R.T.I., nota final de pags. 22-23.

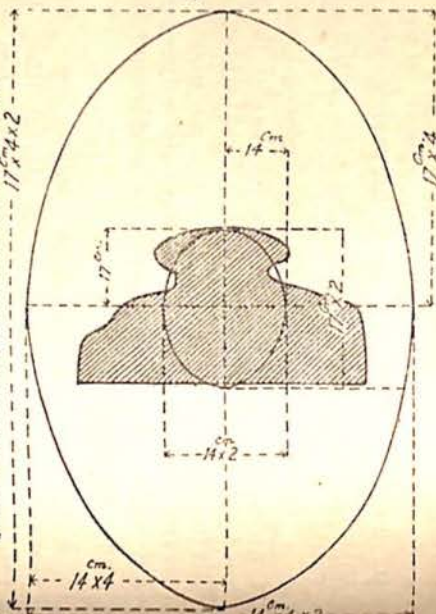
Aqui, neste artigo, vou esboçar o que penso da parte B).

Não sei si, de futuro, terei oportunidade de tratar da parte C).

Alvo para 300^m



Alvo para 400^m



B) INSTRUÇÃO PREPARATORIA

TIROS PREPARATORIOS

| Classificação | Distancias | Posições | N. de tiros | Alvos | Condições de acesso de posições e classes. |
|-----------------------|------------|--|-----------------------|---|--|
| Atirador principiante | 150 m. | S. a. ap. D. a. ap. D. a. l. Dj. a. l. Ep. a. l. | 1 2 3 4 5 | (Z. C. S. 56) - (*) Alvo de 2 zonas ⁽⁴⁾ circulares concentricas, respectivamente de 56 cm e 14 cm de diametro; as circunferencias, em preto, e a silhueta do homem deitado e visto de frente, em tamanho natural, em carmim. | <p>No tiro sentado, o impacto em quaesquer zona transposto para outro lugar desta par.: (4) da accesso a posição immediatamente seguinte (D. a. ap.).</p> |
| Atirador regular | 200 m. | D. a. ap. D. a. l. Dj. a. l. Ep. a. l. | 2 3 4 5 | (Z. C. S. 72) - (*) Alvo precedente, salvo os diametros, que serão, respectivamente de 72 cm e 18 cm. | |
| Atirador bom | 300 m. | D. a. ap. D. a. l. Dj. a. l. Ep. a. l. | 2 3 4 5 | (Z. E. S. 104) - (*) Alvo de duas zonas ⁽⁴⁾ ellipticas concentricas, respectivamente, de eixos maiores iguaes a 104 cm e 88 cm e os menores iguaes a 26 cm e 22 cm, e quanto ás cores e silhueta como os Z. C. S. | |
| Atirador optimo | 400 m. | D. a. ap. D. a. l. Dj. a. l. Ep. a. l. | 2 3 4 5 | (Z. E. C. 136) - (*) Alvo como o seu similar, porém os eixos serão, respectivamente, de 136 cm e 112 cm e de 34 cm e 28 cm. | |
| | | | | (*) - Veja pag. anterior. | <p>Nos tiros de D. a. p. dois impactos em uma ou zonas quaesquer, das duas, dão accesso á posição immediatamente seguinte (D. a. l.).</p> <p>Nos tiros de D. a. l. trez impactos em zonas quaesquer das duas, ou os dous impactos dos 2 primeiros tiros na zona 2 (central), dão accesso á posição Dj. a. l.</p> <p>Nos tiros de Dj. a. l. quatro impactos em zonas quaesquer das duas, ou os 3 impactos dos 3 primeiros tiros na zona central (2), dão accesso á posição Ep. a. l.</p> <p>Nos tiros de Ep. a. l. cinco impactos em zonas quaesquer das duas, ou os 4 dos 4 primeiros tiros na zona 2, dão accesso á classe de «Atirador eximio», tendo previamente passado para as de <i>regular</i>, <i>bom</i> e <i>optimo</i>.</p> |

(4) As zonas — interior ou central e exterior — para apreciação numerica e facilidade da escrituração, serão numeradas, respectivamente, em 2 e 1.

No proximo artigo justificarei o exposto.

Rio, Dezembro de 1923.

Cap. Francisco José Dutra.

FACTOS & NOTAS

LANÇA-CHAMMAS

Dous typos foram empregados pela Alemanha durante a ultima guerra: typo *pesado* e typo *leve*, sendo este ultimo o mais vulgarizado.

Têm o alcance de 25 a 40 metros, funcio- nam durante 45 segundos seguidos e permitem até 35 projecções; o combustivel consiste em hydro-carburetos, azeites de alcatrão e sulfureto de carbonio, comprimidos a 15 atmosferas.

No geral os lança-chammas leves consistem em um deposito cylindrico (que se carrega no hombro), um tubo irrigador de aço e um tubo de enlace.

(Do «Memorial de Infanteria» de Madrid).

TRANSMISSÕES NA INFANTARIA ALLEMÃ

O estado-maior de um R. I. comprehende — 1 capitão, chefe do serviço de transmissões, 4 sargentos e 13 soldados.

O estado-maior do batalhão, a companhia de infanteria ou de metralhadoras ou de *minen- werfer* têm 2 sargentos e 8 soldados.

O R. I. dispõe como material: de 18 km. de cabo de campanha pesado, 102 km. de cabo da campanha ligeiro, 49 aparelhos telephonicos, 34 aparelhos de signalisação, typo médio, 1 aparelho de signalisação, typo grande, 2 pos- tos de pombos-correios, 18 cães estafetas.

EXERCITO DA LETTONIA

O exercito de paz comprehende:

- 12 regimentos de infanteria;
- 3 " " vigilancia na fronteira;
- 1 " " reserva;
- 1 " " cavallaria;
- 4 " " artilharia de campanha;
- 1 grupo de artilharia pesada;
- 1 batalhão de carros de combate;
- 1 destacamento automobilista (56 viaturas or- dinarias e 6 blindadas);
- 4 trens blindados;
- 1 corpo de aviação com 30 aparelhos;
- 2 estações radio-telegraphicas.

O R. I. tem no tempo de paz 1 batalhão e, no tempo de guerra, 4 batalhões e 1 compa- nhia de metralhadoras com 20 metralhadoras.

O R. C. tem 4 esquadrões, 1 esquadrão de metralhadoras, 1 esquadrão technico e 1 bateria a cavallo.

O R. A. C. tem 3 baterias de 4 peças de 76 mm.

O grupo de A. P. tem 3 baterias de 4 obu- zeiros, cada uma de 15 cm.

Essas tropas formam 4 divisões:

- 1.^a em — Libau;
- 2.^a " — Riga;
- 3.^a " — Kjaskitsa;
- 4.^a " — Dunaburg.

O serviço militar vae dos 20 aos 30 annos. Ha um batalhão de instrucção para o aperfei- çoamento dos officiaes e sargentos.

A Lettonia tem apenas 1.800.000 habitantes.

EXERCITO DA LITHUANIA

Com uma população de 4.000.000 de habi- tantes, a Lithuania dispõe de um exercito com- posto de:

- 12 regimentos de infanteria;
- 3 regimentos de cavallaria;
- 4 grupos de artilharia;
- 1 batalhão de pioneiros (4 companhias);
- 1 batalhão de communicações;
- 1 destac. automobilista;
- 1 batalhão de viaturas blindadas;
- 1 corpo de aviação (29 aparelhos).

Os R. I. têm — em tempo de paz — 3 bata- lhões a 3 companhias (recebendo em tempo de guerra mais 1 companhia de 15 metralhadoras pesadas e 15 ligeiras) 1 destacamento de signa- leiros, 1 de lança-minas e 1 companhia technica.

Os R. C. têm 4 esquadrões e mais 1 de me- tralhadoras e 1 technico.

Cada grupo de artilharia tem 5 baterias, sendo 3 de peças de 76 mm., 1 de obuzeiros pesados e 1 de peças pesadas.

O batalhão de communicações tem 1 compa- nhia de telephonistas, 1 de telegraphistas e 1 de T. S. F.

O destacamento automobilista comprehende 1 column de transporte, 1 sanitaria e 1 ligeira.

Na paz, essas tropas se grupam em 4 divisões:

- 1.^a em — Wilkomir;
- 2.^a " — Kiejdany;
- 3.^a " — Kovno;
- 4.^a " — Olita.

Uma D. C. em Wylkonysky.

O serviço militar dura dos 20 aos 45 annos.

POLITICA NAVAL DOS E. U. A.

Da Revista Militar de Lisboa, transcrevemos o seguinte: «No seu relatorio annual, o secre- tario de Estado da Marinha estabeleceu como pontos essenciaes da politica naval americana:

- 1) — crear, manter e pôr em funcionamento uma armada não inferior á de nenhuma outra potencia, e com a proporção de navios capitaes estabelecida pela Conferencia de Washington;
- 2) — tomar a relação de navios capitaes como base do esforço a realizar na construcção de todas as classes dos navios de guerra;
- 3) — concentrar a atenção no desenvolvimento da parte do serviço aéreo que ha de operar com os navios;
- 4) — concentrar a armada activa pelo menos uma vez em cada anno e por um período não inferior a 3 mezes;
- 5) — manter o pessoal activo embarcado, na conformidade com a rela- ção de navios capitaes estabelecida pelo tra- tado;
- 6) — crear, organizar e manter uma re- serve naval sufficiente para fornecer o pessoal supplementar necessario á mobilisação da es- quadra e de todos os seus auxiliares;
- 7) — ter sempre em mente que o systema de bases de ultramar, convenientemente distribuidas e defen- didas, tanto navaes como commerciaes, é um dos mais importantes elementos de potencia na- cional».

NOVO TORPEDO JAPONEZ

O novo torpêdo japonês tem as seguintes características: comprimento total, com ogiva de combate, 6,70 m.; comprimento da ogiva, 1,37; pressão do ar comprimido, 126,6 kg. por cm.²; carga explosiva, 270 kg.; alcance a 22 nós, 18.290 m. e a 45 nós 4.023; aquecimento, 43 litros de água e 7 de combustível; imersão maxima, 6,70 m.; calibre, 533 mm. Ha um torpêdo especial para ser empregado nos torpedoplanos, tendo 457 mm., alcance de 4 kms a 29 nós e 2,5 kms. a 41 nós. São ambos do modelo Whitehead.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

CURSO DE RADIOTELEGRAPHIA E RADIOTELEPHONIA — Do capitão tenente Pio da Rocha Pombo recebemos um exemplar do trabalho, que sob o titulo supra acaba de publicar.

Como diz no prefacio a obra é destinada aos officiaes de marinha alumnos das Escolas Profissionais.

Com simplicidade notavel aborda as varias theorias que constituem a base das radiocommunicções, tornando-as facilmente assimilaveis.

Embora diga seu autor não ser a obra um tratado de radiotelegraphia, com taes credenciaes poderá apresentar-se. Recommendamol-a á leitura dos profissionaes do assumpto.

A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL AL SERVICIO DE LOS EJERCITOS — Anexo ao numero de Dezembro da *Revista Militar*, de Buenos Ayres, recebemos um folheto com o titulo supra, contendo uma conferencia feita pelo Dr. Juan R. Beltran, no Circulo Militar, da quella cidade. Em a mesma estuda o autor com proficiencia o emprego de aparelhos e processos, por meio dos quaes *experimentalmente* se determina o gráo de efficiencia de certas qualidades moraes ou psychicas, necessarias a militares incumbidos de missões especiaes (aviadores, metralhadores, signaleiros, artilheiros, observadores, etc.).

Dentre as qualidades a medir encontramos: attenção, percepção, associação, emotividade, intelligencia; com clareza e concisão estuda os aparelhos e consequente emprego.

Estes processos, já de ha muito em uso nos exercitos europeus e no norte-americano, só agora principiam a ser empregados na Argentina, exclusivamente, porém para os aviadores.

O autor faz largas considerações sobre o emprego de taes processos para o fim de seleccionar os individuos, classificando-os para missões determinadas conforme os coefficients moraes aferidos.

Enaltece os beneficos resultados que vem prestado a cadeira de psychologia creada ha oito annos na Escola Militar e preconiza a criação de outra na Escola Superior de Guerra. Gratos pela offerta.

O Tiro de Guerra — Agosto Setembro — Rio.

O Marujo — Julho, Agosto, Setembro e Dezembro — Rio.

O Escoteiro — Novembro e Janeiro — S. Paulo.

Revista Maritima Brasileira — Setembro — Rio.
Revista de medicina e hygiene militar — Novembro e Dezembro — Rio.

Revista de engenharia do Machkenzie College — Novembro — S. Paulo.

Gazeta da Tarde — Janeiro — Manáos.

Revista Militar — Dezembro — Lisboa.

Revista Militar — Dezembro e Janeiro — R. Argentina.

Memorial de Infantaria — Dezembro — Madrid.

Memorial del Ejercito de Chile — Anno de 1924.

El Siglo — Julho — Maracaibo, Venezuela.

Revista Militar — Dezembro — Bolivia.

EXPEDIENTE

Preços das assignaturas

Por semestre 9\$000

Por anno 18\$000

Os assignantes poderão fazer o pagamento por consignação em folha de vencimentos, o que facilitará a administração da revista e a elles proprios, ou pagar adeantadamente aos nossos representantes ou ao thesoureiro.

As assignaturas para os alumnos da Escola Militar e praças de pret terão redução de preço: custarão 5\$ por semestre e 10\$ por anno, pagos adeantadamente.

São nossos agentes de annuncios nesta Capital o 1.º sargento João de Magalhães Carvalho e o 2.º sargento Mariano Alcides de Castro, que estão auctorizados a receber as importancias relativas aos referidos annuncios.

Por lamentavel descuido nosso numero anterior sahio datado de Dezembro. Pedimos aos nossos assignantes a fineza de corrigir esta data para Fevereiro, pois aos mezes de Janeiro e Fevereiro corresponde o nosso 123-124.

«A Defesa Nacional» hypotheca agradecimentos ao Capitão Octavio Felix Ferreira e Silva, que por muito tempo representou-a no 3º R. I. com dedicação e bõa vontade inexcitáveis.

Ao mesmo deseja rapido progresso em sua carreira militar, ao qual faz jus por sua competencia e amor ao trabalho.

ANNUNCIOS

Preços por semestre:

| | |
|----------------|----------|
| 1 pagina | 100\$000 |
| 1/2 " | 50\$000 |
| 1/4 " | 25\$000 |
| 1/8 " | 15\$000 |

Repetições (por semestre):

| | |
|----------------|---------|
| 1 pagina | 60\$000 |
| 1/2 " | 30\$000 |
| 1/4 " | 15\$000 |
| 1/8 " | 10\$000 |

Art. 7.º dos Estatutos. — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

UM ANNO DE INSTRUÇÃO

(I. Q. T.) no 4.º R. A. M.

ITÚ, 1922/23

PELO MAJOR KLINGER

Está á venda na **Bibliotheca do 4.º R. A. M.—Itú**, e na **Papelaria Macedo — Rio — Rua da Quitanda, 74**

Parte I—O programma geral inicial para o anno de instrução 1922/23, o correspondente *Calendario*, e os successivos additamentos, programmas e mais ordens complementares.

Parte II—Annexos.

Parte III—O programma geral para o novo anno e o *Calendario*.

O titulo desta obra seria, por extenso: **Um anno de instrução num corpo de tropa, segundo o . RI. Q. T., como se praticou no 4.º R. A. M. em 1922/23.**

Tanto vale dizer que, á parte, as questões que affectam especialmente á artilharia de campanha, o livro interessa aos officiaes de todas as armas.

PREÇO DO EXEMPLAR: 4.500 RÉIS

Casa Mattos

Cereaes — Molhados — Ferragens

Liquidos e Comestiveis Finos

Pereira de Mattos & Comp.

Telephone Central 1389

Rua Evaristo da Veiga, 126

RIO DE JANEIRO

GUIA

PARA

Instrução e Exercício

DAS

Tropas de Saúde em tempo de paz

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 réis

Livrarias: «Alves» Rua do Ouvidor, 166 e
«Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da Silva, 17.

PAGINAS PERDIDAS

ACERCA DA

ORGANISAÇÃO SANITARIA DO EXERCITO

POR

ALVES CERQUEIRA

Preço: 5\$000 — Pelo correio mais 500 réis

Livrarias: «Alves» Rua do Ouvidor, 166 e
«Leite Ribeiro» Rua Bittencourt da Silva, 17.

R. PETERSEN & COMP. LIMITADA

Successora de Petersen & Heins Limitada

IMPORTADORES

RIO DE JANEIRO

178, RUA BUENOS AYRES, 178

End. Telegr. PIRAMUS

Telephones Norte 6019 e 6534

Filial em S. Paulo — RUA DA QUITANDA, 2 A — Caixa 1046

REPRESENTANTES EM TODOS OS ESTADOS

FORNECEDORES DO EXERCITO E MARINHA

— DE —

Material para communicações, das mais afamadas fabricas allemães. Telemetros das conhecidas fabricas GOERZ E ZEISS. Artigos para acampamento de officiaes e tropa, bem como equipamentos. Apparelhos para tiro e pontaria. Material de sport, gymnastica e esgrima, como florete, luvas, mascaras, etc. Todos os artigos necessarios á engenharia militar e desenho, como transferidores Pfeiffer em millesimos, etc. Artigos para conservação e limpeza do material bellico. Artigos destinados á Veterinaria, para tratamento de animaes.

PRYTANEU MILITAR

CURSO DE PREPARATORIOS

197 — PRAÇA DA REPUBLICA — 197

O PRYTANEU MILITAR, installado em proprio nacional cedido pelo Ministro da Guerra, á Praça da Republica n. 197, é um estabelecimento destinado a ministrar o ensino preparatorio aos filhos dos officiaes de terra e mar, bem como a todos aquelles que desejarem cursar suas aulas.

A tabella de preços é sensivelmente inferior á dos estabelecimentos congeneres desta cidade.

Não visando auferir lucros, o PRYTANEU contenta-se apenas com o custeio do magisterio e outras despezas.

E' mais um centro de diffusão de ensino do que uma fonte de rendas. Sua administração é a seguinte:

Director — General Jonathas Barreto.

Inspector do Ensino — General Alcides Bruce.

Thesoureiro — Tenente-Coronel Luiz Tettamanti.

Secretario — Major Augusto Feliciano Pereira Pirto.

MONTEPIO DO CLUB MILITAR

O MONTEPIO é uma instituição formada no Club Militar por varios socios, mas completamente independente da ASSIS-
TENCIA (antigas Caixas A, B e C) quanto á sua administração
e organização. Os seus principaes fins são :

- 1º — Conceder pensões mensaes e vitalicias ;
- 2º — Cuidar da educação dos filhos menores do socio que
os deixar em condições precarias.

Apezar do reduzido numero de seus socios, o MONTEPIO
continúa em franca prosperidade ; seu patrimonio, de accôrdo
com o paragrapho 1º do artigo 2º, está sendo empregado em
emprestimos sufficientemente garantidos, mediante a taxa de 6%
ao anno, aos seus socios, e de 8% aos que não pertencerem
ao MONTEPIO, já tendo em movimento quantia superior a tre-
zentos contos.

Para ser socio do MONTEPIO é necessario ser socio quites
do Club Militar e requerer á directoria do MONTEPIO, decla-
rando nesse requerimento dia, mez e anno em que nasceu,
tabella em que deseja inscrever-se e o modo por que pretende
fazer o pagamento da joia.

O MONTEPIO tem sua séde no proprio edificio do Club,
funcionando o seu expediente diariamente das 14 ás 16 horas.

Para mais informações — dirigir-se ao **Major Augusto Feliciano
Pereira Pinto, Secretario do Montepio do Club Militar. Avenida
Rio Branco n. 251. D. F.**